



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA

**A “PARADA PARA MORAR” DOS FILHOS DO VENTO:
IDENTIDADE E ALTERIDADE DOS CIGANOS *CALON* NA CIDADE DE SOUSA – PB**

Helio Abrantes de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2014

HELIO ABRANTES DE SOUSA

**A “PARADA PARA MORAR” DOS FILHOS DO VENTO:
IDENTIDADE E ALTERIDADE DOS CIGANOS CALON NA CIDADE DE SOUSA–PB**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS – PB

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação – (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço – Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras – Paraíba

S725p Sousa, Helio Abrantes de
A “parada para morar” dos filhos do vento:
identidade e alteridade dos ciganos Calon na
cidade de Sousa – PB. / Helio Abrantes de Sousa.
Cajazeiras, 2014.
99f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.
Monografia (Graduação) – UFCG/CFP

1. Grupos sociais – ciganos – Sousa – PB. 2.
Ciganos Calon – Sousa – PB. 3. Ciganos –
sedentarizados. 4. Ciganos – identidade e
alteridade. 5. Ciganos – preconceito. I. Sales Neto,
Francisco Firmino. II. Título.

A "PARADA PARA MORAR" DOS FILHOS DO VENTO:
IDENTIDADE E ALTERIDADE DOS CIGANOS *CALON* NA CIDADE DE SOUSA – PB

HELIO ABRANTES DE SOUSA

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

Aprovado em: 17 / 09 / 2014.



Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

Orientador



Profª Drª Rosemere Olímpio de Santana

Examinadora



Prof. Ms. Leonardo Bruno Farias

Examinador

Profª Drª Ana Rita Uhle

Suplente

CAJAZEIRAS – PB

2014

Ao Senhor Deus, Rei do Universo e Criador de tudo que nele existe...

A minha família, meu exemplo, minha base e fortaleza de vida...

Aos meus amigos, pessoas inesquecíveis...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus, Rei do Universo e Pai de Nosso SENHOR Jesus Cristo, pois sem Sua ajuda jamais teria concluído este trabalho. Agradeço aos meus familiares e amigos ciganos e não ciganos.

A todos da minha família, em especial minha mãe Maria Evanda Abrantes de Sousa e meu pai Antônio José de Sousa que sempre sonharam em me ver formado. Graças ao Eterno Deus esse é um sonho que se realiza depois tantas batalhas acadêmicas travadas na UFCG. Aos meus irmãos Silvia Maria Abrantes de Sousa e Helton Abrantes de Sousa, que me ajudaram incentivando e pressionando a terminar o trabalho o mais rápido possível. Sem a força de meus familiares eu não estaria escrevendo esses agradecimentos e com certeza teria desistido de continuar. Eles são de suma importância para minha vida espiritual, social e profissional.

Aos meus amigos mais próximos Diego Rodrigues, Samuel Filipe, Denis Marques, Walter Paulino e Francisco Eduardo (O Jaspion). Obrigado pela amizade verdadeira e pelas inúmeras gargalhadas que sempre me proporcionam! Ao meu grande amigo Everton Estrela (*in Memoriam*) que, infelizmente, já não está mais entre nós. Acredito na doutrina da ressurreição dos mortos e tenho plena certeza que naquele grande dia vamos nos encontrar de novo, só que dessa vez com corpos incorruptíveis.

As minhas amigas e irmãs na Fé, Tereza Cristina e Paula de Cássia, que já não aguentavam mais me ver tão distante por causa deste trabalho. Eu dizia que tudo que tem um começo tem que ter um fim e, graças a Deus, concluí a monografia e a nossa amizade pode voltar a ser como era antes.

Quero agradecer especialmente a minha amiga Priscila Ferreira, que me ajudou na entrega dos questionários tanto a ciganos como a não ciganos. Sem a sua ajuda não teria conseguido tantas entrevistas de diversas pessoas da sociedade sousense.

A Niara Nice e Naiara Lacerda que me ajudaram muito na formatação do trabalho, com certeza a monografia não ficaria dentro das normas se não fosse à ajuda de última hora de vocês.

A todos que responderam os questionários, muito obrigado por terem se disponibilizado e dedicado um pouco do seu tempo! Suas respostas foram de grande importância para a construção deste trabalho acadêmico.

Ao professor João Bosco, que tem uma íntima relação de amizade com os ciganos do rancho de cima. Sem a sua ajuda teria sido difícil adentrar no rancho, entregar os questionários e colher as respostas que precisava.

Aos ciganos Pereira Barros, Manoel Pereira Alcântara, Marcilânia Gomes Alcântara e a Francisco Soares Figueiredo (Chefe Coronel), que me receberam tão bem na comunidade e que me auxiliaram entregando os questionários a outros ciganos daquele rancho, para que eu pudesse buscar suas respostas posteriormente, tudo acontecendo como o combinado. A todos os ciganos que responderam só tenho a agradecer e dizer: muito obrigado!

Aos meus colegas do curso... sei que, depois de muitos anos estudando juntos, vou guardar boas lembranças de nossas conversas e discussões dentro e fora de sala. Desejo muito sucesso a todos e espero que a vida possa traçar caminhos onde possamos nos cruzar novamente.

E, finalmente, quero agradecer ao meu orientador Francisco Firmino Sales Neto que, com toda sua paciência e inteligência, fez as correções necessárias que me conduziram ao término desta monografia.

Enfim, a todos que não citei o nome, mas que contribuíram; a todos que fazem parte de minha vida; a todos da minha família; e, principalmente, ao Único que é Onipotente, Onisciente e Onipresente: muito obrigado!

Eles se movem como o sol e a lua. São nômades. Ou, antes, são como as ondas. Estão em toda parte. Chegam e partem rápido. Parecem o vento. Num momento, estão aqui. No outro, sumiram. Numa lufada, deixam traços indelévels de sua passagem no eco de sua música, no relinchar de seus cavalos, no sorriso alegre de suas mulheres. Não, não são o vento. São os filhos do vento!

Poema Persa 200-400 a.C.

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a comunidade cigana da cidade de Sousa, onde residem três grupos de ciganos da etnia Calon sedentarizados desde a década de 1980. Atualmente, eles mantêm uma estimativa de 600 pessoas instaladas nas proximidades da BR 230, num âmbito periférico, a cerca de 3 km do centro dessa cidade. A pesquisa tem o objetivo de identificar como os sousenses percebem o “ser cigano” e como os ciganos definem o restante da população. Para isso, através de questionários, foram entrevistadas diversas pessoas de diferentes classes sociais residentes na cidade, tanto ciganas como não ciganas, com o intuito de compreender a percepção que um tem em relação ao outro. Os ciganos Calon passam por um processo de estigmatização visto que boa parte da população em geral os definem através de categorias depreciativas, negando-lhes a inclusão social, ficando claro que problemas clássicos como discriminação e preconceito ainda estão presentes nas relações sociais entre ambos. Também se percebe que a diminuição do uso de sua língua e algumas mudanças de hábitos tradicionais de sua cultura já é uma realidade entre os ciganos de Sousa, embora alguns ainda lutem para que os jovens preservem seus costumes como forma de evitar que sua identidade seja colocada em desuso e caia no esquecimento.

Palavras-chave: Ciganos. Sedentarizados. Sousa. Identidade. Preconceito.

ABSTRACT

This monograph is a work that deal with the Gypsy community of the city of Sousa, where reside three groups of Gypsies ethnicity Calon, sedentarized since the 1980s, and currently maintains an estimated 600 persons located nearby the BR 230, a peripheral area, about 3 km from the center of this city. The research aims to identify how the sousenses realize "a Gypsy" and as Gypsies see the rest of the population. For it were interviewed through questionnaires several people from different social classes residing in the city, both Gypsy and non-Gypsy, in order to understand the perception that one has over the other. The Calon Gypsies undergo a process of stigmatization because good part of general population defines through disparaging categories, denying them social inclusion, making it clear that problems classics such as discrimination and prejudice are still present in social relations between them. Also realize that the decreased use of their language and some changes in traditional habits of their culture is a reality among gypsies Sousa although some still struggle for young people preserve their customs as a way to prevent your identity be placed in oblivion.

Keywords: Gypsies. Sedentarized. Sousa. Identity. Prejudice.

ÍNDICE DE IMAGENS

IMAGEM I - Visão aérea do território cigano.....	23
IMAGEM II - Visão aérea do território da cidade de Sousa.....	24
FOTO I - Casa de taipa na comunidade cigana.....	28
FOTO II - Casa de alvenaria na comunidade cigana.....	28
FOTO III - Posto de Saúde na Comunidade cigana (PSF - CIGANOS).....	30
FOTO IV - Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI).....	31

ÍNDICE DE SIGLAS

CCDI - Centro Calom de Desenvolvimento Integral.

DAESA – Departamento de Água, Esgoto e Saneamento Ambiental de Sousa.

PEVA – Programa de Estruturação da Vigilância Ambiental.

PSF-CIGANOS – Programa Saúde da Família.

SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

TELPA – Telecomunicações da Paraíba S/A.

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I.....	18
DO NOMADISMO AO SEDENTARISMO NA CIDADE DE SOUSA-PB	18
1.1 Origem e diáspora cigana.....	18
1.2 O abandono do nomadismo e a vida sedentarizada.....	25
1.3 Um olhar sobre as tradições e os costumes	31
1.3.1 Práticas associadas ao nascimento	33
1.3.2 Práticas matrimoniais	34
1.3.3 Práticas associadas ao luto	35
CAPÍTULO II	37
PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO.....	37
2.1 Construção das imagens anticiganas	37
2.2 O impacto social causado com a chegada dos ciganos em Sousa	46
2.3 As funções e a autoridade do chefe cigano em meio à comunidade	49
CAPÍTULO III.....	52
UM OLHAR DE SI E UM OLHAR DO OUTRO.....	52
3.1 A imagem dos ciganos no município de Sousa na perspectiva dos não-ciganos	54
3.2 O olhar dos ciganos de Sousa sobre si e sobre os não-ciganos sousenses	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS.....	90

INTRODUÇÃO

Ciganos. Uma palavra que na sociedade sousense, assim como em toda sociedade atual, é carregada de sentidos muitas vezes pejorativos. A visão predominante que se tem dos ciganos é a de um povo nômade e livre, que viaja de uma parte para outra como se estivessem sem destino.

Mas o nomadismo não é mais uma realidade entre todas as etnias Ciganas. O que podemos afirmar é que pelo fato de pouco se saber sobre os Ciganos e acerca de suas origens, se tem várias incertezas, abrindo possibilidade para outras interpretações prévias. Sua língua, tradições e costumes variam entre os muitos grupos que existem. Esse desconhecimento acerca das diferenças culturais gera o preconceito.

Na cidade de Sousa encontra-se a maior população cigana do Estado da Paraíba. A comunidade, que antes era nômade, está sedentarizada na periferia da cidade de Sousa, desde a década de 1980. São três grupos que estão localizados próximos a BR 230, a cerca de 3 km do centro da cidade.

O intuito desta pesquisa é compreender a visão coletiva que os sousenses têm acerca dos ciganos na cidade. A sociedade é alicerçada por representações, pois é em sociedade que as pessoas classificam o mundo que está a sua volta.

Podemos dizer que a identidade de um povo não é algo dado, mas sim construído por meio de elementos culturais e históricos, tornando-os assim únicos e com características particulares que os diferenciam de outras culturas.

O conceito de identidade é algo complexo. Stuart Hall (2006), em seu livro **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, descreve que as antigas e estáveis identidades estão em declínio, em processo de fragmentação. Disso resultaria uma crise de identidade na pós-modernidade, fazendo assim surgir novas identidades e um sujeito moderno fragmentado. Hall apresenta três concepções de identidade ao longo de diferentes períodos da história que são: o sujeito do Iluminismo; o sujeito Sociológico e o sujeito Pós-Moderno.

O sujeito do Iluminismo tratava-se de uma visão individualista de identidade. Era caracterizado como um indivíduo unificado, dotado de razão, cuja identidade surgia de um

núcleo interior e era algo que não se alterava ao longo de toda sua existência. Por outro lado, o sujeito sociológico se caracterizava como o indivíduo que tinha sua identidade formada na relação do eu com a sociedade. Isso seria um retrato da crescente complexidade do mundo moderno, pois, mesmo existindo particularidades em cada pessoa, essa identidade se transformava com a interação e o diálogo com os mundos culturais exteriores. Todo esse processo formaria o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa ou permanente, pois ela é formada e transformada continuamente. O sujeito pós-moderno não teria apenas uma identidade, mas sim várias, muitas delas contraditórias, assumindo identidades diferentes para cada momento de sua vida. Nas palavras de Hall:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas por que construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Pelo fato de existirem muitas diferenças culturais, as relações dos Ciganos com os outros indivíduos da sociedade envolvente não tem sido muito amigáveis. Lourivaldo Perez Baçan, em seu livro **Ciganos – Os Filhos do Vento**, descreve aspectos e valores preservados pelos ciganos que podem demonstrar bem esse conflito entre culturas diferentes, a saber: negociar para se obter lucro é uma questão de honra, principalmente se o lucro for obtido em cima de um não cigano; garantir a sobrevivência é algo necessário nem que para isso seja preciso tomar o que é alheio; e só consideram crime mesmo quando o roubo é cometido contra uma pessoa mais pobre; já as mulheres praticam artes divinatórias, “prevendo” o futuro através da cartomancia e quiromancia; também são muito unidos ao seu grupo familiar, considerando a família algo divino; e vêem a esterilidade como uma maldição. Dessa forma, Baçan afirma que:

Denominam-se "rom", cujo significado é "homem". Possuem valores éticos e morais completamente distintos das demais civilizações e injustamente são taxados de ladrões e corruptos, como um todo, por causa dessas crenças. Na verdade, cultivam valores distintos daqueles cultivados pelos gadjés [não ciganos], que não conseguem interpretar o modo de ser dessa raça [sic] habituada ao nomadismo e à liberdade (BAÇAN, 1999, p. 12).

Nesta pesquisa, os ciganos de etnia Calon são o principal objeto de estudo. Eles falam a língua Kaló e são “ciganos ibéricos”, pois em sua maior parte viviam na Espanha e em Portugal, onde eram chamados de Gitanos. No decorrer do tempo se espalharam por toda a Europa e, posteriormente, foram deportados ou emigraram para América do Sul, chegando assim ao Brasil.

Objetiva-se, portanto, neste trabalho conhecer os elementos que constroem a identidade da comunidade de ciganos Calon na cidade de Sousa, sertão da Paraíba, tomando como base as falas da população cigana e não cigana. Esta análise pode permitir compreender o modo como os não-ciganos sousenses vêem o “ser cigano”, verificando imagens de aspectos morais, físicos e culturais que constroem a identidade da comunidade cigana na cidade e que, em contrapartida, demarcam sua alteridade.

O outro objetivo é justamente saber como os ciganos residentes em Sousa se definem e percebem os não ciganos: quais suas opiniões acerca do restante da população; se são alvo de preconceito ou algum tipo de discriminação; e se suas tradições e costumes estão se perdendo ou sendo preservados pela nova geração de ciganos nascidos em Sousa.

Para a construção desta pesquisa foi utilizado uma metodologia baseada na leitura de tudo que fosse concernente ao tema, fichando assim as principais idéias e informações de livros, textos, artigos, sites, dissertações de mestrado e teses de doutorado com relação ao povo cigano.

Também precisei colher informações provenientes de documentários áudios-visuais e através de questionários que foram entregues a ciganos e não ciganos, buscando informações necessárias para chegar aos objetivos deste trabalho. Assim sendo, nesses questionários, lancei perguntas a nossos colaboradores acerca dos modos como definem a si próprios e aos outros (sempre na relação recíproca cigano - não cigano), procurando

respostas que nos permitissem perceber a relação de identidade e alteridade que se estabelece entre os ciganos de Sousa e o restante da população sousense.

O trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro capítulo retrata a origem e a história dos ciganos pelo mundo e como esse grupo de ciganos Calon, que perambulavam pela Paraíba e estados vizinhos, abandonou a vida nômade e se fixaram no sertão paraibano, especialmente na cidade de Sousa. Apresento também a localização da comunidade e a divisão dos chamados ranchos onde moram, além de descrever tradições e costumes particulares que fazem parte da sua cultura.

O segundo capítulo trata das questões das raízes do preconceito e discriminação que o povo cigano sofreu, durante a história, pelos países por onde passaram. Infelizmente, mesmo depois de séculos esse anticiganismo perdura até hoje. Eles ainda são alvo desse preconceito causado pelos não ciganos que, em sua maior parte, têm uma visão negativa e carregada de estereótipos sobre os ciganos. Também neste capítulo destaco o impacto social causado com a chegada dos ciganos na cidade de Sousa e as funções que um chefe cigano precisa desempenhar para poder proteger os seus e, assim, manter a comunidade viva e identitariamente coesa.

No terceiro capítulo, apresento as entrevistas realizadas através de questionários com ciganos e não ciganos, buscando compreender a visão geral que os ciganos têm acerca de si e como agem para preservar seus costumes e suas opiniões acerca do restante da população sousense, bem como saber qual a imagem dos ciganos na perspectiva dos não ciganos.

CAPÍTULO I

DO NOMADISMO AO SEDENTARISMO NA CIDADE DE SOUSA-PB

Este capítulo descreve a trajetória das etnias ciganas, desde quando surgiram na Índia até a dispersão por várias partes do mundo. A vida nômade sempre foi um traço na identidade desse povo, por isso procuro apresentar neste capítulo as várias lendas contadas entre os próprios ciganos para explicarem o motivo de nunca permanecerem num mesmo lugar; de como chegaram ao Brasil; e de como abandonaram o nomadismo e se fixaram na cidade de Sousa.

Através de imagens, indico a localização dos três grupos que formam a comunidade cigana sousense, bem como algumas imagens de órgãos governamentais construídos com o objetivo de trazer melhorias para o bairro e apresento também fotos de casas existentes na localidade.

São mais de 450 famílias que vivem em uma região localizada fora dos limites da cidade, entre o lixão municipal e a colônia penal agrícola. A região é afastada do centro comercial, dos bairros residenciais e se localiza depois da BR 230 que, neste trecho, possui alguns postos de combustíveis, que por serem distantes do centro da cidade, também funcionam como pontos de prostituição, venda e consumo de drogas.

E no fim do capítulo apresento algumas tradições e costumes que fazem parte da cultura cigana.

1.1 Origem e diáspora cigana

Rom, Sinti e Calon. Assim são distinguidos os três grandes grupos étnicos de Ciganos espalhados pelo mundo. Como explica Moonen, em sua obra **Anticiganismo: Os Ciganos na Europa e no Brasil:**

(1) Os ROM ou Roma, que falam a língua romani, (2) os SINTI ou Manouch de língua sinto, e (3) os KALÉ ou Calon que falam a língua

Kaló. Cada um desses grupos é dividido em vários sub-grupos, cada sub-grupo em comunidades familiares e estas, por sua vez, em famílias, a unidade social mais importante na organização social cigana (1993, p. 3).

A história desse povo é ainda hoje objeto de controvérsia. Isso se deve porque a cultura cigana é fundamentalmente baseada na tradição oral e despreocupada em preservar sua própria história, de maneira que não foram conservados por este povo registros que expliquem sua procedência histórica. Sobre sua origem pouco se sabe, pois não existem muitos dados e estudos concretos. Esse fato se explica em função do seu dialeto que é ágrafo, ou seja, não possui escrita.

Os ciganos possuem uma cultura pautada principalmente na oralidade. Portanto, não deixaram documentos escritos sobre o seu passado e muitos antropólogos que se interessam em estudar a história e a cultura cigana informam que a maioria dos ciganos desconhece suas origens ou não demonstram interesse em conhecer suas raízes e saber de onde vieram os seus antepassados. A tal ponto que a história desse povo, na maioria das vezes, foi estudado por não-ciganos, denominado pelos ciganos de gadjés¹ ou Jurens².

É através da tradição, pela oralidade presente nesta cultura, que acabaram surgindo várias lendas acerca da origem deste povo, muitas delas baseadas nos relatos bíblicos. Moacir Antônio Locatelli, em seu livro **O ocaso de uma cultura: Uma análise antropológica dos ciganos**, descreve sete lendas bíblicas que remontam à origem das etnias ciganas.

Que os ciganos foram condenados a errar pelo mundo como penitência por não terem hospedado a Virgem Maria quando da fuga para o Egito. 2. Que os ciganos foram condenados a errar pelo mundo como penitência por terem massacrado as crianças de Belém. 3. Que os ciganos foram condenados a errar pelo mundo como penitência por terem aconselhado Judas a vender Jesus. 4. Alguns estudiosos afirmam serem eles filhos de Tubalcaim; assim teriam que pagar pelo pecado de um dos seus, o ferreiro cigano, que furtou o quarto prego destinado à crucificação de Cristo; por isso condenados a errar pelo mundo como penitência. 5. Que os ciganos são descendentes de Adão e de uma mulher anterior a Eva, e nasceram por isso sem pecado original, não estando, pois, submetidos ao trabalho e

¹ Denominação genérica usada pelos ciganos para identificar os não-ciganos; Gênero masculino: gadjó; Gênero feminino: gadjí.

² No dialeto dos ciganos Calon de Sousa esse termo é utilizado para identificar quem não é cigano; Gênero masculino Juron; Gênero feminino Jurin.

outros castigos, como residir em um só lugar, como o resto dos homens. 6. Que os soldados romanos aos crucificarem Jesus Cristo tencionaram usar quatro pregos, mas um cigano roubou o quarto, o que estava destinado ao seu coração, e, em gratidão, Cristo na cruz declarou que os ciganos podiam continuar a roubar. 7. Um dia, Deus resolveu fazer o homem. Apanhou um pouco de barro e fez uma estátua e colocou no forno para cozer. Depois foi dar uma volta e esqueceu o trabalho. Quando voltou o homem estava queimado. Este foi o ancestral do negro. Deus começou então sua atividade, mas com medo de que o incidente repetisse, abriu o forno antes do tempo. O homem estava pálido, e foi o antepassado dos brancos. Finalmente Deus fez uma terceira e correta tentativa – o último homem foi cozido no ponto e apareceu uma bela tonalidade morena (LOCATELLI, 1981, p. 29-30).

Essas lendas muitas vezes são reproduzidas pelos próprios ciganos. Porém, a origem mais aceita é a explicação científica, que se baseia em estudos da lingüística. Segundo essa explicação, o dialeto romaní (língua original dos ciganos) tem muitas semelhanças com o sânscrito de origem Hindu (idioma da família indo-ariana). Para Locatelli, a língua seria o indício mais provável da procedência indiana do povo cigano, pois esse seria um patrimônio comum entre esses dois povos:

No século XVIII, porém, Stephan Valvi viu certa identidade entre o romaní e as línguas indianas. Sua descoberta incentivou outros estudiosos a se concentrarem no assunto. Grellmann, finalmente, localizou na língua dos ciganos um grande número de palavras hindus, além de semelhanças sintáticas com línguas e dialetos da região de Gujarat. No século XIX, August Friedrich Pott demonstrou cientificamente a origem indiana do romaní e provou sua ligação com outras línguas indo-arianas. Ficava, assim, estabelecida a origem indiana dos ciganos, o que foi confirmado antropologicamente principalmente por B. Ely, que comparou cor, pigmentação de pele, índices cefálicos, sangue, pressão e outros dados, concluindo pela semelhança entre os hindus e os ciganos (LOCATELLI, 1981, p. 6-7).

Vale lembrar que as histórias que tentam explicar a origem dos ciganos voltam-se para o Egito e para a Índia. Sendo assim, a maioria dos ciganólogos afirma que o noroeste da Índia, atual Paquistão, é realmente a região de origem dos ciganos.

Atualmente historiadores concordam que os ciganos são originários do subcontinente Indiano. A causa da sua diáspora ainda é um mistério para muitos historiadores, o que existem são teorias acerca desse assunto. As teorias existentes dizem que eles não se submeteram ao sistema de castas existente na cultura indiana, por isso se

dispersaram por varias regiões da península Balcânica; já outras perspectivas sugerem que eles pertenciam a uma casta inferior e que foram enviados a lutar contra a invasão muçulmana, sendo eles escravizados pelos muçulmanos e levados para outro lugar, onde posteriormente formaram uma comunidade separada. O primeiro evento migratório para a Europa Ocidental teria ocorrido por volta do século XV, como afirma Moonen:

No início do Século XV aparecem na Europa Ocidental as primeiras notícias sobre viajantes exóticos, indivíduos com uma pele escura ou “preta” e, segundo muitos cronistas, com uma “aparência horrível” e com alguns hábitos nada agradáveis. Viajavam em bandos de tamanho variável, de algumas dezenas até centenas de pessoas. No início, cada bando era liderado por alguém que se auto-intitulava “duque”, “conde” ou “voivode”, de acordo com os títulos de nobreza usados nos países por onde passavam. São estes exóticos viajantes estrangeiros, vindos dos Bálcãs, os antepassados dos indivíduos hoje, no mundo todo, genericamente denominados “ciganos” (ou gitanos, tsiganes, gypsies, zigeuners, etc.), cuja história até hoje ainda é praticamente desconhecida. Não sabemos, por exemplo, por quais motivos estes bandos ciganos, provavelmente em épocas diferentes, resolveram migrar dos Bálcãs para a Europa Ocidental. Alguns autores afirmam que foi por causa das guerras contra os turcos, outros afirmam que foi por causa disto ou daquilo, mas na realidade ninguém sabe nada com certeza. O único fato devidamente comprovado é que, a partir do início do Século XV, pequenos bandos "ciganos" migraram para a Europa Ocidental (1993, p. 19).

Com o início dos movimentos migratórios os “Roma” (termo utilizado para designar um conjunto de populações nômades que têm em comum a origem indiana) se espalharam por todas as partes do mundo, entrando na Península Ibérica e, posteriormente, chegavam às Américas no final do século XVI, no que ficou conhecido como a segunda grande diáspora do povo Cigano.

Uma característica marcante desse povo é o nomadismo. Um poema Persa, datado de 200 a 400 a.C., descreve um povo nômade que viera da região do Gujarat, Índia:

Eles se movem como o sol e a lua. São nômades. Ou, antes, são como as ondas. Estão em toda parte. Chegam e partem rápido. Parecem o vento. Num momento estão aqui. No outro, sumiram. Numa lufada, deixam traços indeléveis de sua passagem no eco de sua música, no relinchar de seus cavalos, no sorriso alegre de suas mulheres. Não, não são o vento. São os filhos do vento! (BAÇAN,1999, p. 3).

Mas a dispersão deles por todas as partes do mundo se deu por causa das várias perseguições que sofreram ao longo do tempo. Isso os obrigava a migrar de uma parte para outra, como errantes, tornando o nomadismo um traço cultural comum entre eles. Não significa dizer que para ser “Cigano” necessariamente tenha que ser nômade, pois já existem várias comunidades de ciganos sedentarizados no Brasil e no mundo.

Segundo Teixeira em seu livro, **História dos ciganos no Brasil**, os primeiros ciganos que pisaram em solo brasileiro vieram de Portugal, no final do século XVI, como degradados e, portanto, através de uma migração forçada:

Mas não há dúvida alguma que os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal, e que estes não vieram voluntariamente, mas expulsos daquele país. Foi o que parece ter acontecido, por exemplo, já em 1574, com um certo João de Torres e sua mulher Angelina que foram presos apenas pelo fato de serem ciganos. Inicialmente João foi condenado às galés e Angelina deveria deixar o país dentro de dez dias, levando seus filhos. Alegando, no entanto, que “era fraco e quebrado, e não era para servir em coisa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu”, João pediu para poder sair do Reino, ou então que pudesse ir para o Brasil para sempre (2008, p. 15).

Bahia e Minas Gerais receberam o maior número de degradados entre os séculos, XVI, XVII e XVIII, como relata Baçan:

Entre os séculos XVI e XVIII registrou-se o auge da imigração de ciganos para o país, principalmente entre os degradados, concentrando-se na Bahia e em Minas Gerais. Em 1726 e 1760, registra-se que bandos de ciganos, de passagem por São Paulo, foram expulsos da cidade. O fim do século XIX já encontra grupos de ciganos integrados à população normal, sendo aceitos indistintamente por todas as camadas sociais (1999, p. 30).

Durante todos esses séculos migraram para o Brasil ciganos de várias etnias. As pesquisas até agora realizadas no Brasil comprovam a existência de dois grupos de ciganos diferentes, os ROM e os CALON, não há nenhuma publicação sobre os ciganos SINTI, mas acredita-se que eles também devem ter migrado para o Brasil.

Atualmente, não se sabe exatamente o número de ciganos que habitam o Brasil. Pesquisas apontam que, na região Nordeste, existem importantes comunidades ciganas de etnia Calon. A maior comunidade Cigana sedentarizada do Brasil está localizada no sertão

da Paraíba, principalmente na Cidade de Sousa. Esses ciganos Calon percorreram vários estados, como Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, em busca de melhores condições de vida; abandonaram o nomadismo por volta dos anos 1980; e acabaram se fixando no sertão paraibano. Muitos escolheram as cidades de Patos, Marizópolis, São João do Rio do Peixe, Monte Horebe e Bonito de Santa Fé como lugar para acampar. Contudo, a maior concentração se fixou na cidade de Sousa. Como afirma Moonen:

Na Paraíba, a maior concentração de ciganos é encontrada em Sousa, no interior do Estado, no sertão do Alto Piranhas, a 420 km da capital João Pessoa. Na periferia da cidade de Sousa, cerca de 450 ciganos habitam em três "ranchos" no Jardim Sorrilândia, na altura do Km 463 da BR-230, a 3 km do centro. Os ranchos A e B são vizinhos, situados logo atrás da Escola Agrotécnica Federal de Sousa e da Escola Estadual de 1º Grau Celso Mariz; o rancho C fica a cerca de um quilômetro de distância, junto ao Parque de Exposição de Animais. No meio existem algumas casas isoladas habitadas por ciganos e várias casas de não-ciganos pobres (2008, p. 138).

Esta é uma imagem de satélite onde podemos avistar bem a localização geográfica dos três ranchos, agrupamentos comunitários onde vivem os Ciganos de Sousa.



Imagem obtida por meio do *Google Earth*, no dia 17 de setembro de 2013.

O retângulo azul escuro corresponde ao rancho A, também conhecido como rancho de baixo; o retângulo em vermelho indica o rancho B, denominado comunidade de várzea; o rancho C é um pouco mais distante dos outros, estando indicado no retângulo preto, que também é conhecido como de rancho de cima. No pequeno retângulo amarelo localiza-se unidade de saúde da família (PSF-CIGANOS), posto de saúde que atende essas comunidades; e o retângulo de cor verde indica o Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI).

Nesta outra imagem, temos a dimensão da localização da comunidade e da distancia dos ranchos com relação ao centro da cidade de Sousa, mostrando a posição periférica que a comunidade ocupa no espaço citadino sousense.

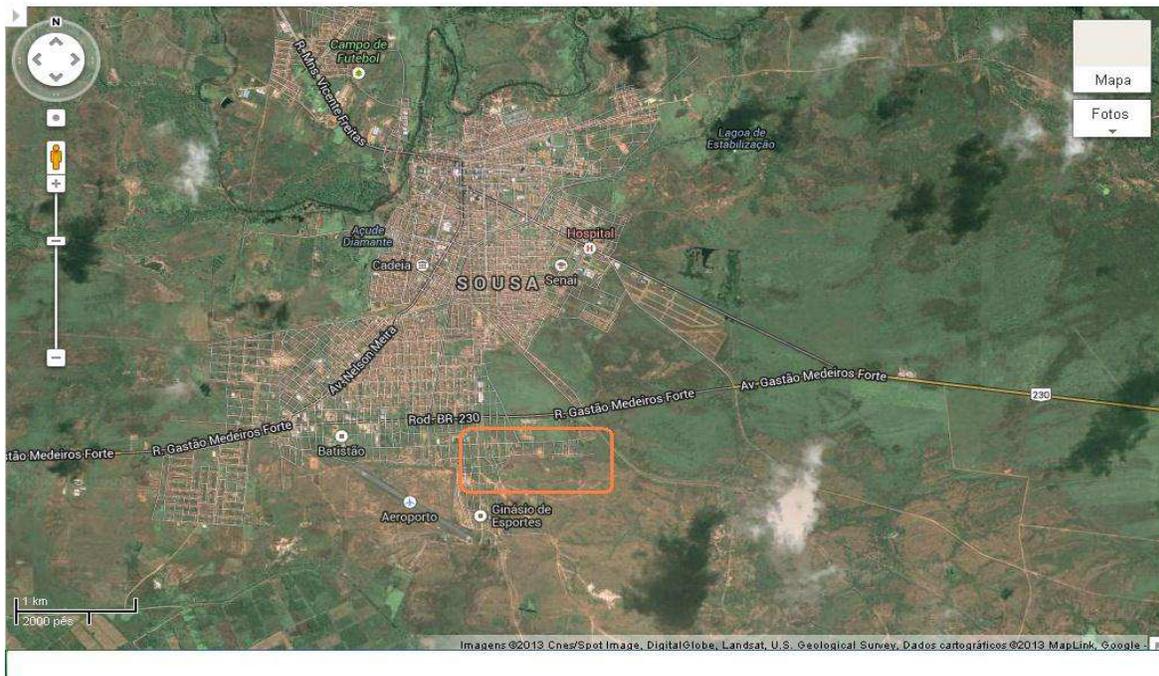


Imagem obtida por meio do *Google Earth*, no dia 17 de setembro de 2013.

Os ciganos estão a mais de trinta anos habitando o território sousense. São centenas de ciganos morando nos ranchos, que se dividem em rancho de cima e rancho de baixo. O

rancho de cima fica a cerca de 1 km de distância dos demais, por trás da colônia penal agrícola; o rancho de baixo é composto por duas comunidades, formando assim um aglomerado populacional cigano. Ele fica localizado no meio de outras duas comunidades. Existe ainda uma comunidade mista, conhecida como comunidade de Várzea das Almas, que fica interposta entre os dois ranchos, sendo formada por ciganos ligados a uma ou outra comunidade. Do outro lado, existe a comunidade vulgarmente conhecida como comunidade do Piolho, que é composta por ciganos e não ciganos.

1.2 O abandono do nomadismo e a vida sedentarizada

Os ciganos sabem que esta vida nômade de outrora acabou definitivamente: “Deus deu um tempo para o cigano andar, e outro para morar agora Deus disse para nós parar”. Segundo outro informante deixaram de andar “porque foi vontade de Deus, foi tudo concebido por Jesus”. Só alguns poucos ciganos parecem ter consciência das reais causas de sua sedentarização (MOONEN, 2008, p. 144).

Na citação acima Moonen deixa claro que a vida nômade que os ciganos de Sousa levavam acabou definitivamente. Mas para que se possa explicar o abandono da vida nômade e entender os motivos da sedentarização dos ciganos em Sousa devemos destacar alguns pontos que levaram a esse ocorrido. Em primeiro lugar, podemos dizer que a industrialização do Brasil iniciada na década de 1960 com a produção em larga escala de automóveis, caminhões e tratores tornaram supérflua a comercialização que os ciganos faziam com cavalos para carregar água e lenha e outras mercadorias.

Os melhoramentos nos meios de transporte fizeram com que houvesse um aumento de estabelecimentos comerciais nas cidades do interior, enfraquecendo assim o comércio ambulante realizado pelos ciganos. As pessoas deslocavam-se para as cidades através de um transporte coletivo onde podiam encontrar produtos mais baratos e com uma melhor qualidade. Diante disso, com o passar dos anos, o comércio ambulante cigano tornou-se sempre menos rentável.

Outro motivo que os levou a abandonar a vida nômade foi a construção das grandes rodovias, pois muitos fazendeiros ofereciam empregos temporários a esses ciganos para a construção de açudes, trabalhos na roça etc. E com a construção dessas rodovias, os proprietários acabaram se deslocando para as grandes cidades, ficando assim suas propriedades rurais administradas nas mãos de capatazes que não geravam trabalho nem ocupação e que nada faziam em favor dos ciganos. Ao que tudo indica esta saída dos proprietários rurais para as grandes cidades foi à causa da sedentarização dos ciganos.

Todos esses fatores causaram um empobrecimento enorme desses ciganos e de certa forma obrigaram os mesmos a abandonarem a vida nômade, pois não tinham mais recursos matérias ou financeiros. Fixarem-se em uma cidade maior, para muitos, era a única saída.

Quanto ao nomadismo, caracterizado por uma vida de andanças pelo mundo, viajando de um lugar para outro em busca do sustento diário, que é um traço cultural marcante e uma das principais características que definem o povo cigano, os ciganos de Sousa não a possuem mais. Como afirma Goldfarb, em sua tese de doutorado intitulada **“O tempo de atrás”**: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB.

O grupo A sedentarizou-se na cidade em 1982 e os grupos B e C em 1986. A sedentarização e a criação de uma “comunidade cigana” baseou-se na articulação de alianças entre líderes e um poder paternalista, com atitudes assistenciais assegurados por políticos locais, desenvolvendo assim formas de fixação e estratégias de poder. As áreas onde se localizam os grupos foram parcialmente doadas por tais políticos, embora quase ninguém possua documentação correspondente (2004, p. 32).

Os ciganos de Sousa ainda hoje nutrem um grande respeito pela figura política de Antônio Mariz, que foi prefeito da cidade de Sousa (1963-1969), deputado federal pela Paraíba por quatro mandatos, senador (1991-1994) e governou o Estado da Paraíba de 1 de janeiro de 1995 até 16 setembro de 1995 quando veio a falecer. Antônio Mariz sempre foi considerado um amigo dos ciganos, e em toda sua carreira política contribuiu para a sedentarização dos ciganos em Sousa. Uma parceria entre o Governo do Estado e o Governo Municipal resultou na oferta de terras aos ciganos para morarem definitivamente. Por isso, para muitos ciganos, Mariz é respeitado e considerado um exemplo de político a

ser seguido. Aos poucos a cidade de Sousa foi se tornando um local de moradia permanente para muitas famílias ciganas.

Falar mal de Mariz significa ser instantaneamente reprovado por qualquer cigano. Isso se deve pelo fato dele ter ajudado os ciganos de diversas formas, inclusive proporcionando-lhes moradia digna, pois no início moravam em casas de taipa ou em barracas. Mas pouco antes do seu falecimento, Mariz autorizou a construção de casas de alvenaria para toda a comunidade.

A construção de casas populares proporcionou moradia fixa a muitas famílias de ciganos, até mesmo aos que eram contra o governo de Mariz. Como ele veio a falecer durante o seu governo, sem haver terminado as obras, o vice-governador José Targino Maranhão assumiu o cargo e deu continuidade ao projeto.

Um artigo de Moonen destaca bem a admiração e a gratidão que os ciganos tinham em relação ao ex-governador :

Por coincidência, quando da pesquisa de campo, de janeiro a abril de 1993, o senador Antônio Mariz foi submetido a duas delicadas cirurgias em São Paulo. Todo dia os ciganos perguntaram sobre o estado de saúde do senador, os rádios do acampamento ficaram ligados só para ouvir notícias a respeito, imagens do padre Cícero e frei Damião foram colocadas na frente de um calendário ano 1993 com o retrato do senador, todos rezaram, promessas foram feitas. Houve quem ameaçasse rasgar não somente seu próprio título de eleitor, mas também os títulos de todo mundo caso acontecesse o pior, porque então tudo estaria perdido para os ciganos, e nunca mais ninguém iria votar seja em quem for (2011, p. 38).

Os ciganos vivem em Sousa nos chamados “ranchos”. Atualmente, a maioria das casas na comunidade é de alvenaria, mas ainda existem algumas casas de taipa (Fotos I e II). As comunidades possuem energia elétrica e água encanada. No entanto, não possuem saneamento básico e o esgoto fica a céu aberto, o que pode trazer sérios problemas de saúde à população local. Os ciganos reclamam que são esquecidos pelos políticos e por isso buscam melhorias para o bairro e condições mais dignas de vida.



Foto I - Casas de taipa na comunidade cigana – Sousa/PB
Fonte: Helio Abrantes, 2013



Foto II - Casas de alvenaria na comunidade cigana – Sousa/PB
Fonte: Helio Abrantes, 2013.

Diante de tantas reivindicações por melhorias para a comunidade, podemos ver que, nos últimos anos, houve certa mobilização das autoridades políticas para trazer mais desenvolvimento ao bairro, como a construção do posto de saúde (PSF-CIGANOS) e a criação do Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI) (Fotos III e IV).

O Centro Calon foi inaugurado no dia 6 de agosto de 2009, com o intuito de proteger e promover a cultura Cigana, procurando transformar a realidade social dos Calon em Sousa. Esse espaço foi criado para reuniões, atividades com as crianças, cursos de informática e profissionalizantes, aulas semanais com jovens e adultos, proporcionando aprenderem uma nova profissão e se qualificarem para o mercado de trabalho.

Teria também o objetivo de valorizar a cultura milenar Cigana, resgatando o idioma Calon, valorizando a prática da quiromancia (leitura de mãos) e estimulando talentos artísticos como as danças, a poesia e a música que sempre fizeram parte da história desse povo. Sobre isso, vejamos a citação publicada no site da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR).

No Centro está instalada uma biblioteca, cedida pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) por meio do programa “Arca das letras. São 200 títulos sobre o tema direitos e cidadania, doados pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), da Presidência da República. O novo espaço também possui um centro de inclusão digital, com 15 computadores instalados graças a uma parceria entre a SEPPIR e Banco do Brasil. Outra parceria, dessa vez entre a prefeitura de Sousa e o Instituto Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (IFET), vai permitir a instalação de um curso sobre avicultura. Nesta sexta-feira (7 de agosto), o CCDI ganha oficialmente um kit do programa “Cine mais cultura, do Ministério da Cultura, composto de filmes, projetores digitais, câmeras, computador, tela, entre outros itens. O Centro vai atender prioritariamente os ciganos dos municípios de Sousa e de Marizópolis, também na Paraíba. Será um espaço de referência para o fortalecimento do processo de organização da população cigana e de valorização de sua cultura. No local, estão previstas diversas ações, como a inserção da comunidade no mercado de trabalho, a partir da capacitação.³

Apesar das expectativas, a realidade atual do Centro Calon é outra. Foram muitas promessas feitas, mas nada cumprido por partes das autoridades e o lugar mais parece um

³ Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2009/08/ccdi_inauguraçãosousa/>. Acesso em: 06 out. 2013.

centro “fantasma”, onde encontra-se apenas alguns livros e algumas cadeiras. Sua ineficiência tem deixado os ciganos da comunidade frustrados, pois a possibilidade de transformação da realidade dos ciganos Calon em Sousa tem se tornado cada vez mais difícil.

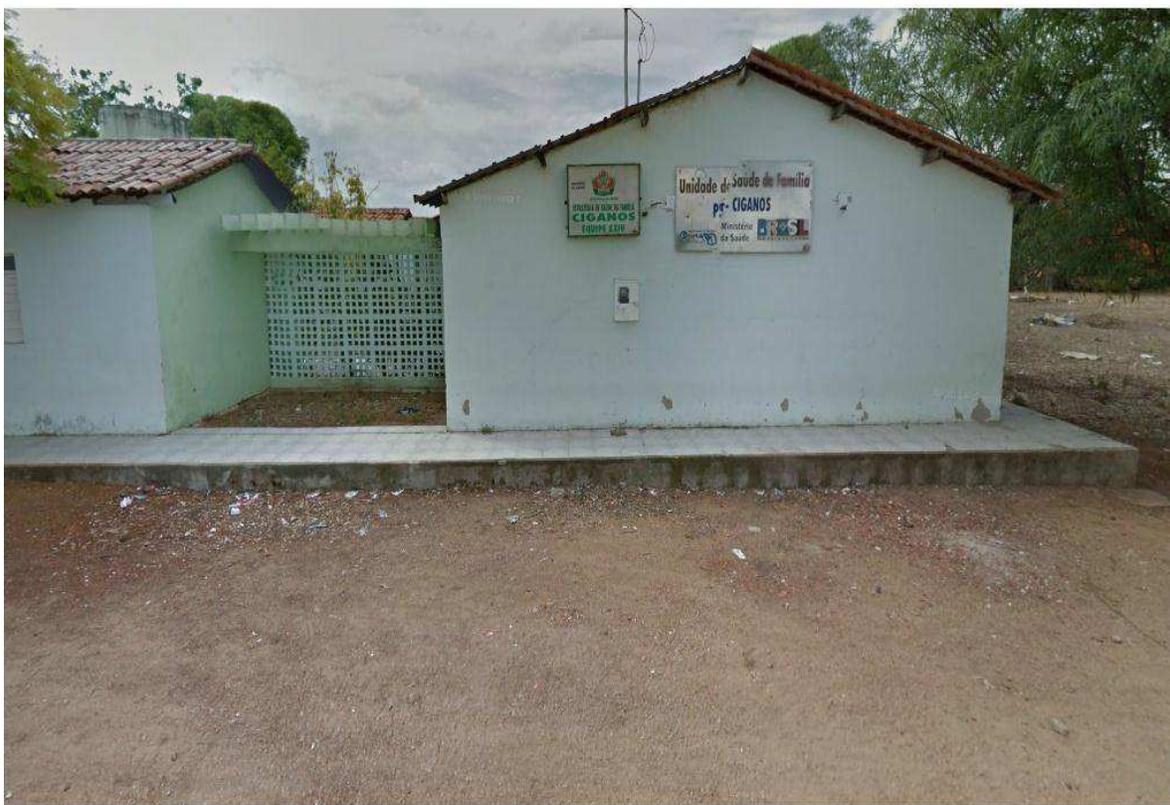


Foto III - Posto de saúde (PSF-CIGANOS) - Sousa / PB
Fonte: Helio Abrantes, 2013.



**Foto IV - Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI).
Fonte: Helio Abrantes, 2013.**

1.3 Um olhar sobre as tradições e os costumes

Os Ciganos não são mais europeus do que americanos ou índios. Os Ciganos estão na Sibéria como na China. Estão sempre no avesso do cenário. Eles são a escória das sociedades dominantes, seja qual for a dominação. Onde estiver o Cigano há dominação. Os Ciganos são um revelador das desigualdades, das exclusões. E são mal conhecidos. Atribuem-lhes hoje, como ontem, virtudes e vícios extraordinários. Lisonjeiam-lhes a estranheza para melhor os disciplinar. A sua

vulnerabilidade para melhor os explorar, a sua fragilidade para os enfraquecer ainda mais. Os jacobinos perguntam se eles têm alma e os padres se eles têm religião. Os revolucionários perguntam se eles são despóticos, as feministas, se as mulheres deles são maltratadas; os historiadores, se eles têm história, os musicólogos se eles têm música, os higienistas se eles se lavam. Poucos povos entram no comércio com tantas negações. O seu holocausto é negado tanto pelos estados nacional-populistas como por Vichy, como pela Alemanha pós-nazi. Os racistas duvidam que eles sejam uma verdadeira raça, os letrados que eles sejam capazes de escrever poesia. Os revisionistas rejubilam porque os Ciganos partilham com os judeus o privilégio do crime contra a humanidade. Mas a humanidade deles ainda não entrou no reconhecimento coletivo. (AUZIAS, 2001, p. 39-40).

A citação acima de Claire Auzias, em sua obra **Os ciganos ou o destino selvagem dos Roms do Leste**, revela bem o desconhecimento que existe por parte dos não ciganos acerca da cultura, hábitos, valores sociais e familiares que fazem parte das várias tradições de etnias ciganas. E muitas vezes, quando não se compreende certos traços culturais diferentes dos nossos, a reprovação é imediata, gerando assim a intolerância e a discriminação.

Os ciganos são detentores de uma cultura milenar, muito rica e diversificada: o nomadismo, a tradição pela oralidade, o seu dialeto, suas músicas e danças e outros costumes de ordem social que estão presentes no nascimento, no casamento e na morte de uma pessoa do grupo podem causar estranheza ou até mesmo o fascínio de quem se propõe a observar essa cultura. Isso se justifica pelo fato de termos dificuldade de aceitar o diferente.

Em seu livro **A invenção das tradições**, o historiador Eric Hobsbawn analisa o conceito de tradição de uma maneira ampla que, segundo ele, pode ser entendido como:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado (2002, p. 9).

O conceito de tradição está ligado ao tempo e à história percorrida de um determinado povo ou civilização, como se o presente fosse sempre orientado pelo passado.

Ainda sobre esse conceito, podemos destacar a citação do livro **Modernidade Reflexiva: Trabalho e Estética na Ordem Social Moderna**, onde Anthony Giddens afirma:

Tradição integra e monitora a ação à organização tempo-espacial da comunidade (ela é parte do passado, presente e futuro; é um elemento intrínseco e inseparável da comunidade). [...] A ordem social sedimentada na tradição expressa a valorização da cultura oral, do passado e dos símbolos enquanto fatores que perpetuam a experiência das gerações. [...] Nas sociedades que integram a tradição, os rituais são mecanismos de preservar a memória coletiva e as verdades inerentes ao tradicional. O ritual reforça a experiência cotidiana e refaz a liga que une a comunidade (1997, p. 80-83).

1.3.1 Práticas associadas ao nascimento

Uma criança é sempre bem vinda na comunidade, principalmente ser for do sexo masculino, pois eles entendem que o homem é o portador da ciganidade e capaz de dar continuidade a sua descendência. Geralmente o parto é realizado pelas parteiras; a mãe, durante todo o tempo de gestação e após o nascimento da criança, é considerada impura até que seu filho seja batizado.

O nome da criança não pode ser pronunciado antes que o batismo aconteça. Eles costumam sempre renovar os nomes de seus entes queridos já falecidos nos recém nascidos. São três nomes que a criança recebe ao nascer: o primeiro é sussurrado pela mãe logo após o parto e permanece em segredo, nunca sendo usado, a tradição diz que a finalidade é confundir os espíritos malignos, para que então não saibam a verdadeira identidade de um cigano; o segundo nome é o que irá ser pronunciado apenas entre eles na própria comunidade; o terceiro nome é o que servirá para o contato com os não ciganos.

O batismo pode ser realizado por qualquer pessoa mais experiente do grupo e consiste em lavar a criança na água corrente, benzendo-a com água, sal e um galho verde. Esse batismo feito por eles antecede qualquer outro batismo religioso subsequente.

Partindo de sua realidade biográfica, Francisco Soares Figueiredo, que é um dos líderes da comunidade cigana na cidade de Sousa, mais conhecido como Chefe Coronel,

descreve bem alguns costumes relacionados ao nascimento, casamento e luto na cultura cigana em seu livro, **Calon – História e Cultura Cigana:**

A cigana tem filho ali mesmo em baixo da tenda, as próprias Ciganas é quem assistem o parto, no mesmo dia ela já pode fazer de tudo. Só não pode fazer a comida pro esposo por que eles acham que é inconveniente. Todos no acampamento ficam muito felizes com o nascimento do bebê, já escolhem os padrinhos muito antes que o neném nasça os compadres passam a ter um respeito muito grande uns pelos outros; o Batismo acontece; a festa rola, a comida, a bebida, é distribuída com todos da tribo. As comidas mais presentes nas festas são: Pão, queijo, doce e peru, já a bebida sempre é o café, dificilmente é servido a bebida alcoólica. Aquele que por ventura tomar um copo com vinho tem que ser muito oculto (2010, p. 21).

1.3.2 Práticas matrimoniais

Na cultura cigana os casamentos, na maioria dos casos, são arranjados pelos pais. Geralmente ocorre entre parentes e a promessa de casamento é feita com seus filhos ainda sendo crianças.

Os noivos não podem ter nenhum tipo de relação sexual antes da união matrimonial. A cerimônia de casamento é comemorada com muitas comidas, danças e festas, podendo durar alguns dias. Após o casamento, tanto o homem como a mulher devem ficar na casa de seus familiares e somente ao terceiro dia é que podem passar a primeira noite juntos.

A virgindade da noiva deve ser comprovada neste dia. Essa questão é algo muito importante para os ciganos, pois entendem que o casamento só é consumado quando a menina cigana perde a virgindade com seu marido. Caso não seja mais virgem, ela pode ser devolvida para sua família.

Como a organização de grupos ciganos é de ordem patrilinear, ou seja, onde a herança, o sobrenome e a autoridade são transmitidos de pai para os filhos, após o casamento, a mulher deve seguir seu marido onde ele for, mesmo que tenha que se distanciar de seus familiares e de seu lugar de origem. Como explica Figueiredo:

O casamento é feito mesmo sem existir namoro entre os noivos, os próprios pais e o chefe marcam a data para o casamento, dezembro ou

junho que são datas comemorativas para eles. A partir daquele momento nasce um amor puro e sincero entre os noivos que passam a viver uma vida cheia de alegria e expectativa. A partir da hora que é oficializado o casamento o nome dos padrinhos também é oficializado; esse por sua vez começa logo os preparativos para o casamento pedindo a todos suas contribuições. Um dá uma dúzia de pratos, outro dá uns copos, outro dá as colheres, outro dá as panelas, uns aquilo, outros aquilo outro... ficando os padrinhos responsáveis por muitas coisas como por exemplo: as roupas dos noivos, a comida, a bebida e outras coisas mais. Os pais começam também oferecendo ao filho um dos melhores de seus burros para que sua futura esposa possa cavalgar pelas estradas percorridas por eles. Aquele animal que seu pai lhe deu não se troca nem vende. Morre de velho, mas, não se bota fora. No dia do casamento as cores mudam o visual e a alegria é estampada no rosto de cada um. Todos cantam, dançam e com os movimentos de seus braços fazem referência à noiva e o noivo cobrindo-os com flores e suas fantasias. Não demora muito para o momento tão esperado por todos em barraca feita especialmente para os noivos e duas testemunhas eles são levados. Ao passar de algumas horas é entregue aos seus pais uma camisa feita por eles, de um tecido macio e branco mostrando a virgindade da moça, depois passa de mão em mão que em seguida é guardada em lugar seguro como objeto sagrado. Depois de serem parabenizados seus pais pela sua disciplina voltam todos para a festa que só termina depois de três ou quatro dias (2010, p. 17-19).

1.3.3 Práticas associadas ao luto

Diante da morte os ciganos preservam costumes bem particulares que demonstram bem o significado que a vida e a morte têm para este povo. O luto pode durar meses ou até mesmo anos, seguido de uma série de práticas realizadas principalmente pelos familiares da pessoa falecida.

Quando alguém morre, todos os seus bens materiais são queimados. No caso da viúva o luto é permanente em respeito à alma do seu marido. Ela não pode mais se enfeitar e deve-se vestir de preto para sempre. Deve também cortar o cabelo e, geralmente, não é permitido que se case novamente, a não ser que ainda seja jovem e que não tenha sido mulher de um líder do grupo.

Já no caso do homem se tornar viúvo, mesmo que tenha alguma posição relevante na comunidade ou que já seja avançado em idade, é permitido para ele que se case de novo

sem nenhuma restrição. Em seu livro Figueiredo também descreve esses costumes relacionados ao luto:

A morte de uma pessoa da tribo leva todos ao marasmo durante vários meses. Depois do sepultamento são queimados todos seus pertences e naquele lugar eles passam vários anos sem irem lá. Se ele for casado a esposa corta o cabelo e veste-se de preto para o resto de sua vida; se for solteiro a família não aceita ninguém falar o nome dele perante seus pais. E assim é conservado o silêncio até a hora da morte. Costumam sempre renovar os nomes dos seus entes queridos aos recém nascidos, passando eles a receber o mesmo respeito e carinho entre todos; como quem quisessem dizer que aquela pessoa ressuscitasse novamente (*reencarnação*) (2010, p.16).

Tais práticas, associadas a uma ideia de tradição cultural, são tomadas como elementos simbólicos de definição da identidade cultural cigana. Nesse sentido, a manutenção e as práticas constantes em torno dessas experiências rituais fazem do sujeito um cigano, isto é, portador de expressões culturais próprias a um grupo. Pensando com Hobsbawm (2002), a origem desses usos e costumes culturais remontariam a um momento histórico cujas origens estariam camufladas sobre o signo de uma tradição (neste caso, milenar).

CAPÍTULO II

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Este capítulo irá tratar de questões relacionadas ao preconceito e a discriminação, temas que sempre estiveram presentes e marcaram a história desse povo. Os ciganos começaram a aparecer na Europa Ocidental a partir do século XV. Seus hábitos chamavam atenção e nunca foram muito compatíveis com os padrões de comportamento existentes entre os europeus da época. A partir daí começaram a surgir os primeiros estereótipos relacionados à imagem dos ciganos. Dessa forma, tento explicar como surgiram e como se perpetuaram essas imagens anticiganas no decorrer dos tempos.

Apresento lendas baseadas em relatos bíblicos que descrevem que os ciganos teriam cometido crimes contra os Cristianismo, e possivelmente esse seria um dos motivos que gerou o ódio contra os ciganos. Também são identificadas algumas imagens errôneas acerca deles; o impacto social causado com a chegada dos ciganos na cidade de Sousa; e como um chefe cigano atua para fortalecer e proteger a comunidade de alguma pretensa ameaça externa.

2.1 Construção das imagens anticiganas

A partir do século XV, os ciganos ocuparam a Europa Ocidental. Por causa de seu modo de vida diferente e fora dos padrões culturais da época, acabaram surgindo os primeiros estigmas e estereótipos que contribuíram para formar a imagem que temos hoje. Em seu livro **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, Erving Goffman desenvolve o conceito de estigma afirmando que:

Enquanto o estranho está a nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros que se encontram numa categoria menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo

criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu defeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem (1988, p. 12).

Isso acontece porque a sociedade estabelece formas de classificar os padrões tidos como naturais e aceitáveis. Toda vez que uma pessoa ou um grupo não se encaixa nesses padrões, são reprovados e considerados indesejáveis. Consequentemente, dizem que possuem um estigma que é, portanto, um atributo depreciativo utilizado pra identificar indivíduos através de estereótipos que correspondem a alguma desvantagem social. O estigma é compreendido enquanto um atributo negativo construído a partir de uma linguagem objetiva, passando assim a interferir nas relações sociais e gerando um isolamento desses grupos que são alvo desse preconceito.

Frans Moonen, em seu livro **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**, exemplifica e define muito bem o conceito de estereótipo e preconceito:

Estereótipos

Estereótipos são crenças, idéias e convicções preconcebidas sobre grupos de pessoas (p. ex. índios, judeus, ciganos), animais (p. ex. cachorros, cobras, tubarões), ou objetos (p. ex. produtos “Made in China” ou oriundos do Paraguai). Na realidade, todas as pessoas estão cheias de estereótipos. Mesmo sem nunca ter estado na Inglaterra ou na Alemanha, ou sem nunca ter tido contato com índios, judeus ou ciganos, muitos brasileiros afirmarão que os ingleses são “pontuais”, os alemães “metódicos”, os índios “preguiçosos”, os judeus “avaros” e os ciganos “ladrões”, porque sempre ouviram dizer - em casa, na rua, na escola ou na TV - que os ingleses, alemães, índios, judeus e ciganos são, respectivamente, pontuais, metódicos, preguiçosos, avaros e ladrões. Observa-se que os estereótipos podem ser de caráter positivo ou negativo. Os estereótipos - conhecimentos prévios que podem ou não corresponder à realidade - não precisam necessariamente resultar em preconceito. Podemos odiar os ingleses e alemães por mil e um motivo, mas dificilmente pelo fato de eles serem pontuais ou metódicos. O preconceito, como veremos a seguir, só nasce quando este estereótipo se transformar num infundado julgamento negativo, numa injustificável opinião negativa sobre outros indivíduos ou grupos, como costuma ser o caso com os índios, judeus e ciganos. Importante é, portanto, incluir o estudo dos estereótipos na análise dos contatos entre ciganos e não-ciganos (MOONEN, 2008, p. 186).

Preconceitos

Um elemento sempre presente nas relações entre maioria e minoria é a existência de preconceitos, pelo fato de a minoria ser “diferente” da maioria quanto à sua aparência física, origem, história, valores culturais, comportamento, religião, língua ou outros fatores. Por ser “diferente”, normalmente é considerada “inferior”. Estas diferenças, no entanto, devem não somente existir, como também ser perceptíveis para os membros da maioria. Por exemplo, podemos distinguir judeus ortodoxos principalmente pela roupa e pelo corte de cabelo, mas nem todos os judeus são ortodoxos e são como tais identificáveis; mulheres ciganas tradicionais podem ser reconhecidas por seu vestuário mas os homens não. Daí, inclusive, porque durante o regime nazista os judeus e os ciganos foram obrigados a costurarem nas suas roupas um símbolo que permitisse logo a sua identificação. (MOONEN, 2008, p. 186).

Na Europa, logo no início do século XV, começaram a surgir os primeiros estereótipos da imagem dos ciganos. Os prejulgamentos mais comuns eram destacando principalmente: o nomadismo, que eram um povo que nunca paravam no mesmo lugar; eram vagabundos, porque viviam na ociosidade, mendigando; não gostavam de trabalhar; eram enganadores e ladrões; e que tinham crenças estranhas e não acreditavam em Deus nem tinham religião.

Mas porque tanta perseguição aos ciganos, quais as causas de tanto preconceito, ódio e discriminação? Talvez, a causa desse anticiganismo que perdura até hoje seja impossível de ser respondido com clareza. Assim sendo, a seguir veremos apenas algumas explicações sobre as raízes desse preconceito.

Existem muitas lendas onde se conta que os ciganos teriam cometido atos condenáveis ligados ao sofrimento da Sagrada Família, da morte das crianças em Belém, da traição de Judas e do roubo do quarto cravo da cruz de Jesus Cristo. Por esses motivos foram amaldiçoados e condenados a peregrinar pelo mundo como uma forma de penitência. Lourivaldo Perez Baçan em seu livro *Ciganos, os Filhos do Vento*, descreve algumas dessas lendas:

O Grande Mistério

Uma das lendas mais interessantes é a de Maria, em sua fuga para o Egito, narrada com algumas variações em praticamente todos os grupos ciganos. Conta a lenda que, cuja narrativa se confunde com o Novo Testamento,

que após a visita dos Reis Magos, um anjo do Senhor apareceu a São José, em sonho, dizendo:— Prepara-te, toma o Menino e a mãe e foge para o Egito. Permanece lá até que eu te avise, porque Herodes pretende matar o menino.— Mas como viveremos? — indagou ao anjo.— Nada tema. As portas se abrirão para o filho do Senhor; malditos e errantes por toda a eternidade serão aqueles que Lhe negarem ajuda. Confiante nas palavras do anjo, São José, no meio da noite, partiu com Maria e Jesus para o Egito. Foi uma viagem cheia de sobressaltos. Apesar da confiança nas palavras do anjo do Senhor, o temor de que os soldados de Herodes os alcançassem foi companhia constante. Por todo o caminho, conforme o anjo havia predito, as portas se abriam para a Santa Família em fuga. Todos receberam e deram acolhida a eles, alimentando-os e dando-lhes água. Todos, exceto um mercador, quando atravessavam uma das regiões mais áridas. — Minha água e minha comida é para os meus — disse ele, com arrogância.— Por favor, apenas um pouco de água. Não queremos que você e os seus paguem por irem contra a vontade do Senhor... — tentou ponderar Maria.— Senhor? Só há um senhor nesta caravana e este sou eu — zombou o mercador, mandando seguir o comboio. Nesse momento, um raio cortou o céu limpo, assustando os camelos e dispersando os servos. Assustado, o mercador olhou ao seu redor, sem entender de onde surgira aquele raio. Foi então que uma voz trovejante lhe disse:— Negaste ajuda ao filho do Senhor e, por isso, tu e os teus vagarão eternamente, batendo em portas fechadas e vivendo separados de todos os homens da face da Terra! Tuas raízes se secarão, como seco é teu coração! Nada vos prenderá a terra alguma (BAÇAN, 1999, p. 7-8).

Os Soldados de Herodes

Uma outra lenda, da mesma época, conta que Herodes havia constituído um corpo de guarda especial, formada por homens vindos de um país distante, hábeis artesãos na fabricação de espadas e lanças de cobre. Quando a Santa Família fugiu para o Egito, esse grupo de soldados foi mandado para sacrificar os recém-nascidos de Belém e dos arredores. Cumpriu-se, então, a profecia de Jeremias, citada integralmente no livro apócrifo e original de suas profecias, que dizia:" Ouvir-se-á um clamor em Ramá, pranto e grandes lamentações; Raquel chorará por seus filhos, inconsolável porque (eles) não mais existirão, traspassados pelas espadas vermelhas dos filhos do vento, que eternamente errarão para expiar seus pecados (BAÇAN, 1999, p. 8).

O Ladrão do Quarto Cravo da Crucificação

Uma outra lenda, também da mesma época, conta que, no momento da crucificação, um cigano roubou o quarto cravo, impedindo que cada um dos pés fossem pregados separados, tornando menos sofrível o martírio do condenado. Foi ele amaldiçoado pelos discípulos e pelos seguidores de Cristo, que pediram a Deus que o ladrão do quarto cravo e toda a sua descendência fossem banidos para sempre daquelas terras, tendo que se espalhar pelo mundo

sem unidade. Baseada também no Novo Testamento, há, finalmente, uma outra lenda que conta que foram os ciganos que convenceram Judas a trair Jesus, trocando-o pelas trinta moedas. Por isso foram amaldiçoados por Deus e condenados a vagar sem destino pela terra, sem jamais fixar raízes em terra alguma. Observadas friamente, todas essas lendas tem um ponto em comum: o de transformar os ciganos em inimigos dos cristãos, canalizando para eles inimizade e a perseguições. Não é difícil entender como e porque surgiram essas lendas. No auge da Idade Média, quando a caça às bruxas chegava ao seu momento decisivo, os ciganos representavam um inimigo todo especial. Sempre foi prática desse povo aceitar a cultura dos países por onde passavam. Assim, se era um país católico, adotavam práticas católicas. Se fosse muçulmano, a mesma coisa. Assim, não havia do que acusá-los, a não ser de forma indireta, pondo-os como personagens antipáticos do Novo Testamento (BAÇAN, 1999, p. 9).

Teria nascido assim um anticiganismo semelhante ao anti-semitismo, mas essa explicação não é satisfatória, pois os ciganos talvez nem habitassem a Palestina no primeiro século e, portanto, determinado acontecimento dificilmente teria ocorrido. Seria apenas mais uma lenda do que um fato real, criada e contada não se sabe se por ciganos ou não ciganos. Mas certamente contribuiu para a formação de um julgamento prévio, que informou o preconceito contra os ciganos.

Outra possibilidade seria por que os ciganos sempre mendigaram e se aproveitavam da caridade dos cristãos e, por não trabalharem, eram vistos como vagabundos. Mas também essa explicação não justifica o ódio aos ciganos, pois naquela época a Europa Ocidental era infestada de mendigos e vagabundos e a mendicância já era uma “profissão” muito comum, os ciganos quando lá chegaram apenas adotaram esse modelo de sobrevivência.

Outro motivo pode ser pelo fato de que maioria dos ciganos eram ladrões e praticavam pequenos furtos para subsistência, mas isso também não é um motivo suficiente para explicar essa repulsa a esse povo, pois, na Europa existiam milhares de não-ciganos que sobreviviam do furto de propriedades alheias e utilizavam muito mais força e violência chegando até mesmo a dizimar famílias inteiras.

Os motivos mais convincentes são dois citados por San Roman⁴ em um artigo chamado **A cultura tradicional e transformação da identidade étnica entre os ciganos espanhóis sendo integrados**, no qual fala sobre os ciganos que moravam na Espanha e representavam uma ameaça à política e à economia local. Frans Moonen comenta sobre esse artigo dizendo:

Os primeiros bandos ciganos que apareceram na Europa eram liderados por condes e duques, ou seja, pessoas nobres ou supostamente nobres, mas que, de qualquer forma, se comportavam como tais. Acontece que estes “nobres” ciganos não tinham terras próprias e, embora afirmassem estarem apenas de passagem, “em peregrinação”, aparentemente eles vieram para ficar, ou seja, ameaçando ocupar para sempre parte das terras de um outro nobre não-cigano qualquer. Os documentos atestam que os ciganos dificilmente saíam de um determinado lugar por livre e espontânea vontade, mas apenas quando pressionados ou obrigados para tal. Enquanto lhes era fornecido sustento, ficavam. Com isto, evidentemente, os ciganos se tornavam uma ameaça política para a classe dominante local, seja rural ou urbana, que desejava ver-se livre deles o mais rápido possível. (...) Os ciganos não eram agricultores, simplesmente porque não possuíam terras, mas consta que eram bons comerciantes de equinos e também de objetos fabricados por eles mesmos, ou eventualmente furtados. Exerciam também atividades que concorriam com as profissões urbanas, como as de ferreiros, caldeireiros e artesões de um modo geral, profissões então ainda controladas pelas corporações locais (semelhantes aos sindicatos de hoje) que dificilmente aceitavam concorrência econômica de pessoas de fora, e menos ainda de estrangeiros exóticos que aparentemente vieram para ficar. Muitos ciganos, também, eram exímios artistas, músicos, dançarinos e acrobatas, ou então apenas mendigos. Assim sendo, os ciganos constituíam uma ameaça de concorrência econômica também para os artistas e até para os mendigos não-ciganos que, na época, pelo menos nas grandes cidades, também costumavam ter seus “sindicatos” corporativistas para defender os seus interesses (2008, p. 82).

No Brasil do século XIX, criaram-se alguns estereótipos da imagem cigana. Em alguns casos, a aparência cigana foi admirada e até exaltada. A boa forma física dos homens tem sido elogiada, pois estaria ligada ao nomadismo. Em suas andanças pelo mundo, teriam adquirido força e agilidade sem igual. Os líderes anciãos tinham uma boa

⁴ SAN ROMAN, T. Culture traditionnelle et transformation de l'identité ethnique chez les gitans espagnols en voie d'intégration, In: WILLIAMS, P. *Tsiganes: identité et évolution*. Paris: Études Tsiganes: Syros Alternatives, 1989. p. 203-211.

longevidade. Os ciganos foram, não se sabe como, considerados portadores de um olhar mágico e poderoso, capaz de lançar maldições e pragas, e os não ciganos procuravam desviar-se e não fixar seu olhar sobre o olhar cigano.

A forma como viviam os ciganos incomodava a elite, que os acusavam de ociosidades, já que o ócio era um privilégio unicamente dos ricos. Alegava-se que isto servia de mau exemplo para os trabalhadores das camadas pobres, o que seria um perigo e uma ameaça à ordem pública e à estabilidade social.

A mentalidade escravista do século XIX considerava o seu oposto como crime tornando-o passível de penas previstas no Código Criminal do Império de 1830.⁵ Nos artigos 295 e 296 desse documento determina-se que a vadiagem e a mendicância fossem considerados crimes policiais. Devendo o criminoso cumprir pena de oito a vinte e quatro dias de prisão para pessoas que não ousassem de forma honesta e útil para sua subsistência. Em termos literais:

Art. 295. Não tomar qualquer pessoa uma ocupação honesta, e util, de que passa subsistir, depois de advertido pelo Juiz de Paz, não tendo renda sufficiente. Pena - de prisão com trabalho por oito a vinte e quatro dias.

Art. 296. Andar mendigando:

1º Nos lugares, em que existem estabelecimentos publicos para os mendigos, ou havendo pessoa, que se offereça a sustental-os.

2º Quando os que mendigarem estiverem em termos de trabalhar, ainda que nos lugares não hajam os ditos estabelecimentos.

3º Quando fingirem chagas, ou outras enfermidades.

4º Quando mesmo invalidos mendigarem em reunião de quatro, ou mais, não sendo pai, e filhos, e não se incluindo tambem no numero dos quatro as mulheres, que acompanharem seus maridos, e os moços, que guiarem os cegos. Penas - de prisão simples, ou com trabalho, segundo o estado das forças do mendigo, por oito dias a um mez.

Além do mais, o nomadismo é visto na sociedade como um comportamento suspeito e associado à criminalidade. E, portanto, “não são civilizados”. Sendo assim, o vagabundo se caracterizava pela falta de domicílio, associado à imoralidade, ao desafio das autoridades, à pouca higiene e com falta de vínculo à sociedade sedentária e “civilizada”.

⁵. Código Criminal Do Imperio do Brazil de 1830, Parte Primeira. Dos Crimes e das Penas. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm

Logo podendo ser interpretado como um estrangeiro, mal infamado, ladrão e causador de epidemias.

Durante toda a história podemos perceber que há um anticiganismo enraizado que vem se alastrando ao longo dos séculos. Frans Moonen apresenta três imagens errôneas que foram se formando acerca das etnias Ciganas como: a imagem do Cigano ladrão, “trambiqueiro” e vagabundo.

A Imagem do Cigano Ladrão

Talvez nenhuma imagem dos ciganos seja mais antiga, mais divulgada e por isso mais difícil de ser modificada do que aquela de que o cigano sempre foi, ainda é, e sempre será um ladrão, quando não apanhado em flagrante, pelo menos um ladrão em potencial. A fama de serem ladrões persegue os ciganos desde a sua chegada na Europa, no início do Século XV (MOONEN, 2008, p. 93).

A Imagem do Cigano Trambiqueiro

Uma acusação que sempre reaparece, desde o Século XV, é a de alguém ter sido enganado por um cigano vigarista, ao realizar algum negócio com o mesmo, ou por uma cigana trambiqueira, quase sempre ao “ler a mão” ou prever de outra maneira o futuro da suposta vítima. Em parte tudo isto é verdade, em parte não, dependendo do ponto de vista de quem se analisa a questão. Os homens ciganos costumam ser acusados de serem vigaristas, desonestos, enganadores e seja lá o que for mais, em suas transações comerciais com os *gadje*. Mal-afamado é especialmente seu comércio com cavalos, jumentos e burros (MOONEN, 2008, p. 94).

A Imagem do Cigano Vagabundo

Tradicionalmente os não-ciganos acreditam que os ciganos não gostam de trabalhar, que são uns vagabundos, uns desocupados preguiçosos. Os fatos históricos, no entanto, mostram uma realidade bem diferente: os ciganos trabalham sim, e trabalham duro para ganhar o seu sustento. O problema é que, como costuma acontecer frequentemente na Europa, muitas vezes os ciganos são legalmente proibidos de trabalhar ou suas atividades profissionais são dificultadas ao máximo. Pelo menos na Europa Ocidental, os ciganos, tradicionalmente, têm sido trabalhadores autônomos e não operários assalariados (MOONEN, 2008, p. 95).

Nos anos 1930, o governo Vargas passou a assumir uma postura que combatia os preconceitos e os trabalhadores brasileiros começaram a ter seus direitos garantidos, criando-se a imagem de que o trabalho dignificava o homem. Angela de Castro Gomes, em

seu livro **A Invenção do trabalhismo**, descreve sobre essa nova história do trabalhismo no Brasil:

Como a história trabalhista de nosso país se dividia em dois tempos básicos – antes e depois de 30 -, todas as providências tomadas desde revolução envolvendo a resolução da questão social eram atribuídas diretamente a Vargas. Era dele que todas as instruções emanavam, era ele o inspirador e o executor de toda legislação elaborada. (...)

O discurso ministerial realizava uma autêntica inversão em uma série de valores até então acoplados ao conceito de trabalho e de trabalhador brasileiro, valores estes questionados pelos próprios movimentos da classe trabalhadora na Primeira República. Em primeiro lugar tratava-se de realçar a contribuição do trabalhador nacional, em nítida oposição ao estrangeiro, o que era atestado pela elaboração da chamada lei dos dois terços, que obrigava as empresas a manterem este percentual de empregados brasileiros. Neste particular, destacava-se a presença do trabalhador negro, que marcava positivamente a “raça brasileira” e devia ser respeitado e glorificado, sobretudo diante do nosso terrível passado escravista. Este era o sentido da criação do “Dia da Raça”, por exemplo, demonstrando que o Estado Novo assumia uma postura de combate aos preconceitos de cor e de elogio ao ecletismo étnico do povo brasileiro, e sepultava os ideais de eugenia e branqueamento. (...)

Ser cidadão – integrar o mundo como definido da política – era pertencer a uma totalidade econômica (trabalhar = produzir riquezas); jurídica (possuir a carteira de trabalho) e moral (compreender o trabalho como um dever/direito). Cidadania era pertencimento, (...) O povo revelava à autoridade suas necessidades, seu destino, e esta, por sua virtude e sensibilidade, captava e executava este sinal que existia implicitamente (2005, p. 239, 242, 249).

Mesmo com todos esses benefícios e garantias trazidos pelo governo Vargas para melhorar a vida do trabalhador, os ciganos continuavam vivendo do comércio de animais (equinos, burros, cavalos e jumentos) e, principalmente, do trabalho informal que consistia na venda e troca de mercadorias, principalmente armas, que era sua principal fonte de renda. As mulheres completavam essa renda fazendo orações e praticando a quiromancia (leitura de mãos). Antes de abandonarem o nomadismo em 1980, os ciganos que peregrinavam pelos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba levavam uma vida relativamente confortável. Moonen destaca até mesmo a existência de ciganos ricos nessa época:

Na época, este comércio proporcionava aos ciganos uma vida bastante confortável. Existiam até ciganos ricos como, por exemplo, um antigo chefe, avô de um dos atuais chefes de Sousa. Segundo vários informantes mais idosos, este chefe possuía "uma cruz em ouro 18 maciça", muitas jóias e moedas de ouro, esporas e arreios de cavalo em prata legítima, etc. Mesmo dando o devido desconto para eventuais exageros históricos, não resta dúvida alguma que era um cigano rico (2008, p. 144).

Mas o empobrecimento dos ciganos que perambulavam por essas áreas também foi o motivo que os levaram a “parar para morar”, abandonando de vez o nomadismo. Talvez essas sejam as raízes do preconceito que existe contra os Ciganos na atualidade. Mas essas imagens são errôneas, pois os gadjé (termo utilizado para denominar os não ciganos) só parecem enxergar os ciganos que não trabalham e nunca os inúmeros Ciganos que exercem uma profissão normalmente como outro cidadão qualquer. Ignorância gera medo, medo gera preconceito e preconceito gera discriminação. Durante toda história, o povo cigano foi perseguido e discriminado justamente pela falta de conhecimento das pessoas, que costumam julgar pelas aparências ou baseado naquilo que um ou outro diz.

2.2 O impacto social causado com a chegada dos ciganos em Sousa

Se tratando dos ciganos Calon de Sousa, os quais criaram ranchos para definitivamente morarem nesta cidade, pode-se assegurar que a imagem dos ciganos sofreu grande depreciação. A sociedade sousense começou a receber as primeiras levadas de ciganos nas décadas de 70 e 80 do século XX.

Diante do impacto social causado pelo contato com os ciganos, acabou-se criando uma imagem anti-cigana. Os habitantes de Sousa passaram a ver diariamente grupos de ciganos formados por homens, mulheres e crianças andando pelas ruas. Para garantirem à sobrevivência, a mendicância era a principal fonte de renda, geralmente realizada pelas mulheres enquanto que os homens e as crianças ficavam nos acampamentos. A maneira como a maioria das ciganas pedem esmolas costuma ser muito insistente e, conforme um discurso bastante disseminado, quando não conseguem alguma coisa se retirariam jogando pragas e amaldiçoando a pessoa que lhe negou ajuda. De acordo com os sousenses, isso os

faziam se sentir incomodados com aquela situação, despertando na população um sentimento de repulsa contra os ciganos.

As mulheres ciganas, por sua vez, passaram também a praticar a quiromancia, que consistia na leitura das mãos de alguém com o objetivo de adivinhar o futuro ou revelar coisas do passado e até mesmo descobrir traços da personalidade do indivíduo. As orações feitas pelos mais velhos também era uma fonte de sustento. Tudo isso em troca de alimento ou de dinheiro para que pudessem sustentar suas famílias.

Mas a imprensa escrita teve um importante papel e contribuiu para reforçar o preconceito e os estereótipos que se formaram contra os ciganos no mundo e na Paraíba. Vejam a notícia divulgada em 1993 por um Jornal paraibano:

O golpe da cigana está de volta. Desde ontem, várias ciganas ... estão aplicando o golpe da leitura da mão, previsão do futuro e da multiplicação de dinheiro, objetos e gêneros alimentícios. Cerca de 200 ciganos, entre homens, mulheres e crianças encontram-se espalhados por toda a cidade.... As ciganas abordam as pessoas e as induzem a permitir que elas leiam a sua mão. O advogado JBMF, 52 anos, foi vítima do golpe da multiplicação. Ele contou que após ler a sua mão, a cigana pediu todo o dinheiro que ele tinha para fazer a multiplicação. JB colocou 400 cruzeiros reais na mão da cigana e ela foi embora. O advogado ficou parado, esperando que o dinheiro se multiplicasse em sua carteira. Sem qualquer repressão, as ciganas aplicam o golpe à população ao lado do Posto da Polícia Militar, na Lagoa. Ninguém escapa da ação das vigaristas. [Uma doméstica] caiu no golpe da multiplicação de gêneros alimentícios... “A cigana me pediu um pacote de café e um quilo de carne dizendo que os produtos iam se multiplicar. Eu dei apenas um pacote de café e ela foi embora. A despensa da minha patroa diminuiu porque ficou com um pacote a menos”, diz a doméstica..... Muita gente já está reclamando da ação golpista que as ciganas estão aplicando (...) Outras pessoas quando são abordadas pelas vigaristas, afastam o mal pela raiz e afirmam que as ciganas são um bando de vadias. “Essas vadias, trambiqueiras vivem no meio da rua perturbando os outros. Elas esperam uma oportunidade para roubar”, afirma MA, de 50 anos. Ela acredita que todas as pessoas deveriam expulsar as ciganas da Lagoa (João Pessoa, O Norte, 16.10.93 APUD, MOONEN, 2008, p. 164).

Desde o início os ciganos Calon de Sousa foram sempre vistos como estrangeiros, errantes ou forasteiros: “gente que não era de confiança, nem merecia ficar muito tempo na cidade”. E o estereótipo que eles tinham em outros países por onde andaram não demorou a

aparecer, sendo vistos como “sujos” e “ladrões”. Oportunidades de emprego para alguns deles era praticamente impossível.

Um cigano podia ser reconhecido facilmente, pois são pessoas de características marcantes com uma pele morena, olhos bem acentuados, cabelos lisos e pretos e até mesmo um jeito de andar diferente. Era comum ver os ciganos ficarem o dia todo em frente o prédio da antiga TELPA na cidade de Sousa, geralmente tentando negociar seus objetos ou até mesmo procurando algum serviço informal, pois não conseguiam emprego fixo. Eram muitos ciganos, o índice de desemprego na época era muito alto e a prefeitura não conseguia ajudar a todos. As empresas privadas não tinham nenhum interesse em uma mão de obra não qualificada, pois eles não possuíam nenhuma qualificação profissional. Na maioria dos casos, quando conseguiam algum emprego era por intermédio da prefeitura. Geralmente, eram vigilantes de escolas ou guardas noturnos.

Em sua pesquisa realizada em Sousa no ano de 1993, Frans Moonen descreve a mendicância realizada por alguns ciganos e o sentimento de fracasso e acomodação que existia entre eles:

Apenas alguns poucos homens, geralmente velhos, viúvos ou com problemas mentais, também pedem esmolas; os outros, quando de suas idas ao centro de Sousa, ficam parados junto ao prédio da TELPA, esperando pessoas para trocar ou vender algum objeto ou animal, ou para arrumar algum serviço. Ao que tudo indica, muitos ciganos de Sousa incorporaram o discurso da "discriminação generalizada contra os ciganos", e por causa disto nada mais fazem para conseguir um emprego ou um trabalho avulso: "Não adianta, doutor, ninguém nos dá emprego; por isso a gente nem procura mais". O que aparentemente existe é uma imensa apatia, uma enorme falta de força de vontade de vencer na vida, por muitos não-ciganos, com ou sem razão, interpretada como "preguiça". Esta opinião é partilhada também por um chefe cigano de outra cidade da Paraíba. Para ele, os ciganos de Sousa seriam "acomodados": "de cada cem, uns vinte trabalham, e os outros ficam dependendo". A origem desta dependência provavelmente seja o alto valor que, ainda hoje, os ciganos dão à família extensa e ao chefe. Um bom chefe é aquele que não apenas decide por seu povo, mas que também cuida do seu povo, que arruma alimentos, que paga as consultas médicas e compra os remédios, que resolve os problemas com as autoridades locais, etc (2008, p. 149).

Com o passar do tempo, os ciganos passaram a ser considerados perigosos, pois praticavam o comércio de armas. Isso rendeu a alguns a fama de pistoleiros ou matadores

de aluguel. A partir do momento que ocuparam terras doadas pelo poder público, formaram ranchos – o que causou o repúdio dos proprietários de terras próximo a área, pois os terrenos passaram a ser desvalorizados cada vez mais, e o crescimento da cidade passou a tomar outros rumos. Atualmente, o bairro onde fica localizado o rancho de ciganos é denominado Jardim Sorrilândia III.

Sendo assim, esses acontecimentos contribuíram de uma certa forma para que se formasse a imagem que a comunidade cigana tem hoje. Embora atualmente possamos observar que houve uma pequena melhoria social em relação ao passado, ainda existem ciganos mendigando, senhoras ciganas lendo as mãos de pessoas nas ruas, se comunicando entre eles por meio do seu dialeto (ainda que isso seja restrito apenas aos mais velhos). Os ciganos mais jovens são matriculados em escolas públicas e praticamente todos tem um grau básico de escolaridade. Alguns conseguem entrar pra universidade e hoje podem ter um curso superior, algo que antes era praticamente impossível de acontecer.

A realidade é que em Sousa os ciganos atualmente não obtêm muito sucesso para conseguir empregos no setor privado. Podemos ver que são poucos os que conseguem um trabalho formal, com carteira assinada, como qualquer outro cidadão souseense. A maioria são autônomos, trabalhando por conta própria; pequenos comerciantes; ou moto taxistas e representantes comerciais de distribuidoras; dentre outras atividades. E ainda alguns trabalham no DAESA (Departamento de Água, Esgoto e Saneamento Ambiental de Sousa) e outros no PEVA (Programa de Estruturação da Vigilância Ambiental).

2.3 As funções e a autoridade do chefe cigano em meio à comunidade

O chefe de uma comunidade cigana é extremamente respeitado, uma vez que a chefia é uma das principais características da cultura dos ciganos. Ele é como se fosse um pai para todo o grupo, responsável por guiar os rumos da comunidade, tomar decisões com o objetivo de manter o equilíbrio e a ordem interna e é também o detentor da palavra final para julgar e decidir o que será feito ou desfeito em meio a eles.

O chefe é legitimado tradicionalmente pelos mais velhos. Mas também outro chefe pode escolher seu sucessor como se fosse uma autoridade hierárquica passada de pai pra filho, contanto que o escolhido tenha competência de desempenhar bem tal função. Normalmente, o chefe em exercício, quando vai transferir o seu cargo a outro membro do grupo, se reúne com os chefes de famílias (como se fosse um conselho). Nesta reunião deixa-se bem claro os motivos pelo qual está se escolhendo outro chefe em seu lugar. Um dos chefes da comunidade cigana em Sousa é o senhor Francisco Soares Figueiredo, mais conhecido como Coronel. Em seu livro **Calon – História e Cultura Cigana**, ele comenta como se dava a eleição para a escolha de um novo chefe e descreve a autoridade e a liderança do chefe em meio ao grupo.

Os chefes de Ciganos eram eleitos pelos chefes mais velhos passando para eles todas as regras que deveriam ser cumpridas durante seu comando. A partir daí o novo chefe assumiria uma responsabilidade perante todos os seus comandados. Sua simplicidade era o jeito mais explícito de ser distinguido entre os Jurens (*povo assim por eles chamados*) (2010, p. 13).

Não costuma ser uma surpresa para o grupo a escolha do novo chefe, pois o mesmo, ao longo da vida, sempre desempenha capacidade e competência para assumir a chefia dos ciganos. Em síntese as atribuições do chefe são: a) garantir a ordem e a harmonia do grupo, impedindo brigas e desavenças entre membros da comunidade, buscando sempre resolver e apaziguar os problemas, analisando os casos de ambas as partes ele pode julgar e tomar uma decisão que, em casos mais graves, pode ser até mesmo a expulsão do indivíduo do grupo; b) proibir e punir práticas que possam desestruturar e causar mau exemplo aos demais membros da comunidade; c) proteger os membros do rancho de alguma intervenção vinda dos não ciganos contra algo que possa representar alguma ameaça; d) defender os interesses da comunidade junto a sociedade não cigana, buscando resolver problemas de ordem econômica, jurídica e social dos membros do grupo. Quando os ciganos de Sousa eram nômades e viviam de cidade em cidade, todas as decisões também eram tomadas pelo chefe. Mas depois que abandonaram o nomadismo e, como os próprios ciganos dizem, *pararam para morar*, as funções do chefe ganharam essas características e novas prioridades que foram citadas acima.

Hoje, a comunidade cigana sousense é dividida em três ranchos. Para cada rancho existe um chefe. Francisco Soares Figueiredo (conhecido por Coronel) é o chefe do rancho de cima; já o rancho de baixo é dividido em duas comunidades, uma delas é comandada pelo chefe Cícero Romão Batista (conhecido Maninho) e a outra pelo chefe Eládio.

Portanto, podemos afirmar que os deveres de um chefe cigano consistem em: estabelecer a ordem na convivência entre eles próprios, garantindo assim a paz na comunidade; exercer uma função diplomática, assumindo a frente e sendo o principal representante dos ciganos; procurar dar assistência às necessidades para a subsistência do grupo, conseguindo remédios, alimentos etc; e a obrigação de proteger a comunidade de alguma ameaça externa.

Em outras palavras: o chefe assume o papel de guardião da identidade e da coesão cigana. Sua importância para a comunidade é tamanha que ele é considerado um ponto de equilíbrio entre os ciganos e os não ciganos. É um símbolo da união do grupo. Como se fosse o líder de uma grande família, o chefe faz pela comunidade o mesmo que um pai faria pra proteger seus filhos. Como explica Francisco Soares Figueiredo, o Chefe Coronel:

Voltando a mexer com a história do nosso povo nada melhor do que falar do nosso chefe o orgulho de toda tribo, que mantinha a paz e a tranqüilidade entre todos sempre cuidando muito bem dos interesses e da prosperidade de toda sua turma. Um dos prazeres maior do chefe é sempre uma grande festa pra toda sua turma, era quando um chefe arranjava um bicho de sangue, era assim como eram chamados por eles os porcos, ovelhas, bodes, etc... na hora da partinha eram contados todos os (Dilipen) Ranchos, para cada um era mandado um pedaço. (...) Logo após a festa todos se reuniam com o chefe, no cair da noite a reunião sempre continuava e o tema era sempre o plano de viagem, várias opiniões eram dadas sempre ouvindo três Ciganos mais velhos porque para eles cabiam o direito e dever de chamar para si toda responsabilidade do seu povo. Nem os jovens solteiros e nem as mulheres tinham o direito de opinar, depois de demorada discussão vinha à decisão final sempre tomada pelo chefe, vamos para cidade “tal”. O sol ardente e causticante os aterrorizava, mas nada disso os impedia de cumprir a sina determinada por Deus. Sempre com passos lentos, escorando os ombros aos outros, tropeçando aqui e ali os peregrinos de Deus não deixavam se abater. (...) O chefe na frente da turma procurava a todo custo um rancho para que todos pudessem descansar um pouco daquelas longas viagens que prolongava-se por muitos dias. Os lugares de descanso eram discutidos entre o chefe e seus comandados para que o bando se arranchasse nos lugares já conhecidos por eles (2010, p. 40-42).

CAPÍTULO III

UM OLHAR DE SI E UM OLHAR DO OUTRO

O objetivo deste capítulo é refletir acerca da imagem que atualmente os não ciganos têm acerca dos ciganos Calon de Sousa e, por outro lado, a visão dos ciganos sobre a população não cigana de Sousa. Para isso, o conceito de alteridade se faz necessário, que é um termo muito abordado na Filosofia e na Antropologia que expressa o estudo do outro ou daquilo que é diferente.

Um dos princípios da alteridade é que o indivíduo só pode existir em sociedade numa relação de dependência, interação e contato com o outro. Por isso, o “eu” numa forma independente só existe através do contato social com o “outro”. Ela implica que o indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro e através do diálogo poder compreender melhor suas diferenças. Basicamente, podemos definir que alteridade é o estudo das diferenças e o estudo do outro.

Em perspectiva antropológica, Marilena Chauí, em sua obra **Convite à filosofia** define que a cultura cria em si alteridade e é a maneira pela qual os humanos se humanizam através da relação com o outro, e por meio de práticas cria-se então a existência social.

Quem é o Outro? Antes de tudo, é a Natureza. A naturalidade é o Outro da humanidade. A seguir, os deuses, maiores do que os humanos, superiores e poderosos. Depois, os outros humanos, os diferentes de nós mesmos: os estrangeiros, os antepassados e os descendentes, os inimigos e os amigos, os homens para as mulheres, as mulheres para os homens, os mais velhos para os jovens, os mais jovens para os velhos, etc. Em sociedades como a nossa, divididas em classes sociais, o Outro é também a outra classe social, diferente da nossa, de modo que a divisão social coloca o Outro no interior da mesma sociedade e define relações de conflito, exploração, opressão, luta. Entre os inúmeros resultados da existência da alteridade (o ser um Outro) no interior da mesma sociedade, encontramos a divisão entre cultura de elite e cultura popular, cultura erudita e cultura de massa (2000, p. 376).

Para Tzvetan Todorov, o *Eu* só pode se realizar em sociedade apoiando-se em *Nós*. O ser humano não existe para si, senão na medida em que é para os outros. Ele lembra que certos acontecimentos da vida de uma pessoa só podem ser experimentados pelos outros.

Por exemplo: o simples fato de uma pessoa nascer só pode ser experimentado e lembrado pelos outros; assim como também é na morte de algum indivíduo, o acontecimento, a dor, a saudade etc, tudo só pode ser lembrado e vivenciado pelos outros. Tudo isso comprova o continuo movimento de nossas vidas que sempre se inicia e termina no outro. Em seu livro **A Conquista da América – A Questão do outro**, Todorov descreve suas pesquisas a respeito do conceito de alteridade, que existe na relação de indivíduos que pertencem a grupos sociais diferentes:

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente o meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só *aqui*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. Este grupo pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie (2010, p. 3).

Todorov afirma que a relação com o outro não se dá em uma única dimensão. Ele divide a problemática da alteridade em três eixos que são: plano axiológico; plano praxiológico; plano epistêmico.

(um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (...)

(um plano praxiológico): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem (...)

(o plano epistêmico): aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores (2010, p. 269- 270).

Por isso o conceito de alteridade é necessário para entendermos a opinião dos sousenses em relação à comunidade cigana sedentarizada na cidade. Qual a relação deles com os ciganos? Em que dimensão se dá essa relação como outro? Seria essa relação

pautada no preconceito e na visão que os diminui e os exclui da sociedade? Ou seria uma visão de aceitação dos valores de uma cultura diferente, sem nenhum tipo discriminação? Esse objetivo também nos motiva a saber como os ciganos se vêem em meio a sociedade sousense e qual a opinião deles em relação ao restante da população.

3.1 A imagem dos ciganos no município de Sousa na perspectiva dos não-ciganos

Para concluir o trabalho realizei uma breve pesquisa entrevistando, através de questionários, a população sousense não cigana com o intuito de compreender como eles tematizam o “ser Cigano”, identificando aspectos físicos e morais que corporificam e dão forma à imagem dos ciganos na cidade de Sousa.

Com esse fim, foram entregues trinta questionários a pessoas da sociedade sousense. A pesquisa focalizou pessoas de diferentes faixas etárias e gêneros, com idade superior e inferior a sedentarização dos ciganos na cidade e que conhecem os ciganos superficialmente ou que tenham alguma relação mais próxima com algum cigano. Algumas pessoas foram escolhidas, aleatoriamente, em diferentes pontos da cidade. Outras pessoas, como professores, líderes de congregações religiosas, policiais, comerciantes e funcionários da prefeitura foram escolhidos estrategicamente, pois estes têm certa influência e relevância na sociedade.

No questionário colocamos algumas questões que considerei pertinentes, perguntei se eles sabiam como ocorreu o processo de sedentarização dos ciganos na cidade; como definiam os ciganos; se já tiveram alguma experiência positiva ou negativa com algum deles; se eles achavam que existia preconceito contra os ciganos por parte da população e como enxergavam esse preconceito; também perguntei se eles conheciam ou se tinham interesse em conhecer algum ponto da cultura e dos costumes ciganos e se eles achavam que de alguma forma os ciganos estão contribuindo para o crescimento da cidade. Suas respostas foram amplamente transcritas a seguir:

a) Ao perguntarmos acerca de como se deu o processo de sedentarização do povo cigano em Sousa, apenas duas das trinta pessoas entrevistadas disseram conhecer a importância do político Antônio Mariz como o principal apoiador da sedentarização dos ciganos em Sousa. Isso demonstra um considerável nível de desconhecimento acerca da história da comunidade cigana sousense – elemento central na falta de problematização e reflexão acerca da imagem cigana. Como sabemos, é o desconhecimento que proporciona o surgimento de posicionamentos preconceituosos em relação aos grupos sociais minoritários. Não por acaso, foram justamente os dois entrevistados que responderam conhecer a origem da comunidade que mais conseguem refletir, perceber e respeitar a alteridade cigana. Literalmente:

- “O processo de sedentarização ocorreu pelo motivo de no governo de Antônio Mariz, os ciganos “arranchados” aqui, ganharam casas populares e foram “se acomodando” por aqui. E foram trocando a vida nômade pela acomodação através do grande apoio de Mariz.”

(S.M. Auxiliar de Enfermagem)

- “Os Calon estão no Brasil desde o início da colonização. Aqui chegaram como degredados de Portugal. Em Sousa temos notícias deles desde a época do surgimento dos primeiros currais e da montagem da vila que mais tarde daria origem a cidade. Arranchavam em nosso território com frequência num nomadismo feito da PB para Estados limítrofes (PE, CE, RN). Relatos dão conta que a cidade de Sousa era muito especial para os ciganos desde esta época porque alguns senhores de terras lhes davam abrigo. Desde 1992 que começou o processo de sedentarização quando as “turmas” de Vicente Vidal de Negreiros e Pedro Benício Maia vieram e decidiram ficar às margens da BR 230 e contaram com apoio de políticos locais com interesses eleitoreiros. Em especial, Antônio Mariz.”

(J.B. Professor)

Os demais entrevistados afirmaram não saber como ocorreu esse processo de sedentarização e uns poucos, mesmo não sabendo, conseguiram dar uma explicação superficial sobre a questão:

- “O pouco que conheço da comunidade cigana é que os mesmos passaram por processo de sedentarização a pouco tempo atrás, pelo fato de se caracterizarem como nômades e sempre estão mudando de lugar, mas por Sousa oferecer uma terra boa e fértil, onde os rios da cidade eram fonte de sobrevivência, acabaram centrando território em um lugar fixo mais reservado da cidade.”

(F.J. Assistente Social)

- “Muito pouco se sabe sobre a vinda dos ciganos de etnia Calon para a cidade de Sousa. O que se sabe é que é a etnia que mais habita o Brasil e a maior parte está em Sousa. Povo que vivia na Península Ibérica, antes de se espalhar pela Europa.”

(D. Estudante)

- “Sei apenas que são descendentes de ciganos portugueses e foram deportados ou migraram a muitos anos para nossa região.”

(V.P. Radialista)

b) Quando perguntados sobre como definiam os ciganos, as respostas foram variadas, dividindo-se entre os que não souberam definir, os que destacaram traços da cultura e dos costumes ciganos e outros que apontaram aspectos físicos e morais. Ou seja, foram destacados elementos pretensamente definidores da identidade cigana. Seriam pessoas com costumes distintos, habitando espaços específicos e um povo sofrido, demonstrando uma naturalização acerca da identidade cigana a partir de enunciados padrões e estereotipados que circulam na sociedade. É perceptível como a comunidade não cigana define os ciganos pelo viés da diferença:

- “São pessoas de aparência físicas muito semelhantes, até mesmo homens e mulheres possuem traços faciais bem próximos. Eu penso que são pessoas que não se intimidam em

pedir coisa alguma, não possuem muitos hábitos higiênicos e que são fortemente ligados em suas culturas.”

(G.P. Caixa)

- “Os ciganos são uma comunidade que vive a margem da sociedade sousense. Um povo que pode ser facilmente identificado pelas suas características físicas, como a cor da pele e a aparência semelhante de seus rostos. Vejo-os como uma comunidade igual a qualquer outra, onde há indivíduos de boa e de má índole, de bom de mau caráter e com valores como quaisquer seres humanos.”

(S. Técnico em Informática)

- “Eu os defino... bem pode ter até algum que seja de confiança, mas a maioria não é. E cigano é por que já nasce cigano e morre assim.

(D. Técnico em Edificações)

- “Penso ser um grupo muito sofrido que o preconceito, a fome e mudança de vida os levaram a um processo de desculturação. Como grupo que perdeu muito de sua identidade e tentam sobreviver desesperadamente, buscando assim, até maneiras desumanas e erradas de conseguir seu sustento. Carregando o peso que a sociedade sousense lhes impõe, o peso da marginalização.”

(S.M. Auxiliar de Enfermagem)

- “Pessoas que residem em lugares sem saneamento básico, em péssimas instalações de moradia, esquecidos pelo poder público, e com poucas oportunidades de emprego.”

(V.P. Radialista)

- “Pouco se estuda, ou se tem interesse sobre os ciganos e sempre se têm uma imagem negativa deles, seja por eles ou pelas pessoas que os vêem de forma preconceituosa. Acho que é um povo de uma rica cultura a ser estudada, e pelos seus costumes peculiares, são muito explorados, o que fomenta sua imagem ruim.”

(D. Estudante)

- *“Os ciganos são uma população diferenciada por sua cultura, seus valores, a forma de falar e vestir-se. Mas possuem direitos e deveres igual a qualquer cidadão souse. Eu os defino como indivíduos de uma mesma tribo que possuem seus traços culturais ricos de harmonia, respeito e valores coletivos.”*

(F.J. Assistente Social)

- *“Os ciganos assim como qualquer outra comunidade social são pessoas com etnia e cultura peculiares, de mera importância para a sociedade devida seu significado na história da humanidade. Eles são nossos irmãos na fé, porém não os vejo como indivíduos confiáveis.”*

(A.R. Professora)

- *“Grande maioria são desocupados e se acomodam a vida medíocre que levam. Já por outro lado tem as suas exceções há algumas pessoas com uma graduação escolar e trabalhando normalmente.”*

(A.E. Estudante)

- *“Não tenho uma opinião definida. Eles são bem diversificados, conheço trabalhadores, pedintes, artistas, trambiqueiros, muitos aposentados e alguns que já nem parecem mais ciganos.”*

(F.A. Bancário)

- *“São seres humanos que tem qualidades e defeitos. Alguns ciganos valorizam a educação e o trabalho, outros preferem viver de ajuda.”*

(M.S. Dona de Casa)

c) Quanto à pergunta se algum deles já teve alguma experiência negativa com algum cigano, alguns poucos responderam não ter contato e por isso nunca tiveram uma experiência ruim; já outros, a grande maioria, responderam apontando a insistência que os ciganos têm ao pedir esmolas e de supostas maldições que lançam quando não conseguem alguma ajuda:

- *“Das experiências negativas sempre ocorrem pelo fato de alguns deles, terem a cultura de estarem pedindo dinheiro nas ruas da cidade e nunca aceitarem um não como resposta reagindo com maus desejos aos que se negão a ajudá-los.”*

(T.C. Estudante)

- *“Uma vez uma cigana chegou em cima de mim no calçadão exigindo que eu desse esmola para ela.”*

(G.P. Caixa)

- *“Não tive nenhuma experiência negativa com ciganos, não posso definir como experiência negativa um pedido de ajuda financeira.”*

(V.P. Radialista)

- *“Geralmente, encontram-se muitos pedintes entre os ciganos, às vezes pelas faltas de oportunidade, ora por aproveitamento de alguns próprios ciganos. Às vezes há alguma intimidação por alguns ciganos que passam a pedir e insistir de forma constante e incômoda. Mas nada mais pessoal além disto.”*

(D. Estudante)

- *“Nunca, quer dizer, uma vez uma cigana me pediu dinheiro, como não tinha me pediu roupa ou alimento, como não dei, ela saiu balbuciando algumas ofensas e palavrões.”*

(A.R. Professora)

- *“Não lembro. Só alguns pedintes que insistem em nos rogar praga quando não damos esmola.”*

(F. Bancário)

- *“Não sei se posso considerar uma experiência propriamente negativa, mas tenho um mercadinho e elas pedem esmolas de uma maneira muito insistente e certa vez elas foram lá e achavam que por eu ser o dono do mercado eu tinha a obrigação de ajudar, como eu não dei nenhuma esmola elas saíram amaldiçoando dizendo um monte de coisas.”*

(H. Comerciante)

Apenas três pessoas, das quais duas já foram anteriormente destacadas, responderam de maneira diferenciada a questão, mostrando que tiveram um contato mais próximo e chegaram até a ir à comunidade.

- *“Sim, quando tentamos fazer um projeto de assistência a eles, de artesanato, e eles venderam tudo... Mas no fundo, foi uma experiência negativa também por que da nossa parte não foi feito um processo de conscientização para eles.”*

(S.M. Auxiliar de Enfermagem)

- *“Sim, tive experiências devido a um programa social onde o município de Sousa realizava empréstimos no ano de 2012. O programa ao todo contemplou mais de 100 ciganos, onde o resultado final foi que apenas 20% pagaram seus débitos.”*

(M. Assistente Administrativo)

- *“Tenho uma convivência de seis anos com os Calon de Sousa. Toda semana vou lá pelo “Rancho de Cima”, fiz muitos amigos. Hoje nem me consideram não-cigano. Sou de casa, como eles dizem. E já tive inúmeras experiências negativas com ciganos. Deixemos de lado as desavenças naturais de quem convive num grande grupo e tratemos de explicar meus maiores dilemas com os ciganos:*

- *Não admito que criança cigana não esteja na escola – Há escolas nas proximidades e é irresponsabilidade dos pais não matricular essas crianças;*

- *Detesto a vitimização. Cigano que vive de se lastimar que não tem nada, não é nada e não consegue nada por causa do preconceito. Ele, além de reclamar também não faz nada para mudar a própria sorte e se achar quem lhe dê o sustento com esmolas e por apadrinhamento, se dá por feliz.*

- *Cigano que se alia a políticos e não-ciganos para passar a perna na própria comunidade em benefício próprio. Quer seja na viabilização de um projeto, quer seja em períodos de campanhas eleitorais. Os ciganos de Sousa acreditam que só podem conseguir emprego se for em órgãos públicos. Há uma rivalidade muito grande entre os três ranchos e a política local só atiçou esse ódio. São mágoas antigas que são passadas de geração para geração e mesmo sendo todos aparentados uns dos outros e tendo a mesma condição (ciganos), se odeiam, se difamam e isso prejudica sobremaneira o crescimento do grupo.”*

(J. B. Professor)

d) Quando perguntados se já tiveram alguma experiência positiva com algum cigano, alguns poucos responderam que não, justamente porque nunca tiveram contato com eles; já a grande maioria disse que sim e elogiaram a simpatia e a gratidão que eles têm quando recebem alguma ajuda; exaltaram pontos da cultura como: simplicidade, a união e o respeito à família:

- *“Sim. Alguns terminam seus estudos entram na área do trabalho e se tornam bons profissionais.”*

(M.S. Dona de Casa)

- *“Alguns ciganos já me agradeceram muito toda vez que me viam por causa de alguns serviços bancários e lotéricos que eu havia fornecido.”*

(G.P. Caixa)

- *“Na época em que trabalhei em uma empresa de informática fui realizar a entrega de um computador dentro da comunidade e diferente do que eu pensava fui bem recepcionado pelos moradores.”*

(S. Técnico em Informática)

- *“Sim, várias vezes pude comparecer a eventos, conferências, simpósios, onde o público alvo comportava a comunidade cigana e em outros momentos em trabalhos acadêmicos discutidos em sala foi possível perceber a riqueza, o conhecimento e o respeito que eles tem uns aos outros, são inteligentes e bastante sociáveis, pude também apresentar uma quadrilha junina na comunidade e observar a dança deles que é tratada e simbolizada por todos, essa experiência me proporcionou uma grande troca cultural.”*

(F.J. Assistente Social)

- *“Quando atuava como enfermeira no HPS (Hospital de Pronto Socorro), chegou um cigano com sua esposa e filha doente. Fez a ficha e esperou o médico. Após 30 minutos como o médico não veio ele deu um chute na porta do repouso médico e o trouxe pelo*

braço. Após a consulta, quando fui fazer a medicação enfurecido ele perguntou para que servia, respondi que a medicação não servia para sua filha. Voltou ao consultório e mandou o médico passar a medicação certa. Um pai totalmente consciente e orientado que foi atrás de seus direitos para resolver o problema de saúde de sua família.”

(A.R. Professora)

- “Várias. Certa vez fui ao rancho e me encontrei com artistas de lá. Com artistas culturais, e cheguei a gravar um documentário com eles.”

(F. Bancário)

- “Experiências positivas: Conhecer a cultura e a língua (eu falo, mais ou menos, o dialeto calé). Conhecer em profundidade o espírito do grupo (há uma alma cigana, um jeito cigano de entender o mundo e as coisas) e acho que pouquíssimos são os não-ciganos que tiveram esse privilégio. Ver a geração mais nova na escola, nas universidades, trabalhando na iniciativa privada, engajado no movimento pró-ciganos, resgatando a língua, a dança, o canto, a literatura. As atividades festivas (casamentos, batizados, festas religiosas cristãs) dentro da comunidade é uma experiência muito diferente, há uma aura que não sei explicar. Há um encanto cigano. Existe, mesmo em meio a pobreza, desinformação e tantos outros problemas um sentido diferente de vivenciar essas datas.”

(J.B. Professor)

e) As perguntas do questionário que considero como as mais importantes são as que foram feitas em relação ao preconceito e à discriminação contra os ciganos. O preconceito contra algum seguimento na sociedade ou contra alguém é tão vergonhoso que, geralmente, ninguém admite ser preconceituoso. Quis saber a opinião dos sousenses com relação a essa questão. E a grande maioria dos entrevistados respondeu que o preconceito existe e justificaram os motivos para existência desse preconceito. Em grande medida, o preconceito foi tomado como uma postura genérica da sociedade sousense, sem materializações ou personificações concretas:

- “Sim. Claro. Sousa detesta os ciganos. A desinformação é a maior causa desse problema. Outro fator é a falta de interesse por parte dos próprios ciganos em mudar essa imagem

negativa. É preciso que as escolas trabalhem a história do povo cigano de Sousa já no Ensino Fundamental I. A comunidade precisa se deixar conhecer. Cigano precisa ir para a escola e a escola deve vir aos ranchos. A mídia tem esse poder também. As pessoas que convivem como eu com ciganos, devem fazer questão de contar as suas experiências. Cigano é um ser humano como outro qualquer, cheio de virtudes e defeitos, com a particularidade de pertencer a uma etnia milenarmente execrada.”

(J.B. Professor)

- “Sim. No geral há um sentimento de preconceito na sociedade sousense. Os ciganos são vistos como um elemento a parte, com indiferença, ou com maus olhos, receio ou desprezo. As pessoas os vêem como uma comunidade que deve permanecer isolada.”

(S.F. Estudante)

- “Sim, começando pela Igreja, pelo sistema de saúde, pelas escolas e pela própria população que não confiam e nem acreditam nas pessoas ciganas e pensam que eles não têm os mesmos direitos que os demais.”

(M.A. Agente de Saúde)

- “Sim, por que muitos vêem os ciganos como pessoas preguiçosas que só querem receber dinheiro, seja pedindo esmola, possuindo algum benefício do INSS ou bolsa família ou por favores políticos. Além do fato que muita gente achar que eles são violentos e covardes quando o assunto é briga ou acerto de contas.”

(G.P. Caixa)

- “Sim. Infelizmente os ciganos são vistos como pessoas de caráter duvidoso, de falsa personalidade, interesseiros e de grande periculosidade a sociedade”

(A. R. Professora)

- “Sim. Por taxá-los como ladrões, preguiçosos, enganadores... Generalizando e sem compreender o complexo mundo deste povo que foi massacrado e estão perdendo sua cultura e são dialeticamente marginalizados pela sociedade sousense.

(S.M. Auxiliar de Enfermagem)

- *“Sim. O Preconceito consiste mais na fama de ladrões, pedintes, pistoleiros, etc. Acho que a falta de assistência por parte do governo, impede o povo cigano de se estruturar. E também, a má fama que os próprios ciganos dão a eles mesmos, pela falta de união e atitudes contra a população.”*

(D. Estudante)

- *“Eu acho que sim, pois alguns ciganos vivem mendigando nas ruas da cidade e conseqüentemente sofrem muito preconceito contra isso.”*

(J.A. Caixa)

- *“Sim. Pois eles mesmos fazem com que esse preconceito cresça.”*

(A. E. Estudante)

- *“Acredito que sim. Pois, de minha parte conheço-os como um povo que vive a pedir nas ruas e isso não agrada a muitos.”*

(T.C. Estudante)

- *“Sim, ciganos são vítimas de preconceito, a condição social dos ciganos e conseqüentemente os pedidos realizados por eles para uma parte da população são motivos para chamá-los de preguiçosos.”*

(V.P. Radialista)

Apenas três das trinta pessoas responderam que não existe preconceito contra os ciganos:

- *“De modo geral não, mas grande parte dos sousenses ainda possuem receios e percepções falsas dos ciganos. Mas já se vem mudando muito a relação deles com a população, pois muitos estudam, trabalham e freqüentam lugares igual a qualquer outra pessoa, visto que antigamente ocorria muitas rejeições e preconceitos.”*

(F.J. Assistente Social)

- *“Não, vejo que são grupos apoiados pelo governo municipal e pela população sousense.”*

(F.E. Auxiliar Contábil)

- *“Não, a culpa está neles, pois muitos ciganos se sentem inferiores aos não ciganos.”*

(M.S. Dona de Casa)

f) Quando perguntados sobre como enxergavam o preconceito e a discriminação aos ciganos, as respostas se dividiam entre aqueles que diziam que o preconceito existente é algo causado pelos próprios ciganos, isto é, os ciganos seriam os próprios responsáveis pelo preconceito que sofrem (cabendo também a eles fazerem algo para modificarem tal cenário); já outros responderam que é um desrespeito, algo sem fundamento, causados pela desinformação de pessoas que costumam julgar sem nem ao menos conhecer a comunidade:

- *“Eu vejo como uma situação causada por eles, pois no meu ponto de vista a discriminação e preconceito parte das atitudes deles com os que têm essas experiências negativas nas ruas, o que de fato não deve ocorrer com todos.”*

(T.C. Estudante)

- *“Eu acredito que os ciganos não fazem muita coisa para mudar o tipo de pensamento que a maioria da população não cigana possui sobre eles. Acredito que há fundamento para a formulação do senso comum criado sobre eles, mas acho que nada deve ser generalizado, uma vez que, conheço alguns ciganos que gostam de trabalhar, inclusive como moto-táxi.”*

(G.P. Caixa)

- *“Vejo como falta de informação da sociedade civil e também como falta de programas sociais de reaproximação da população cigana ao nosso convívio. Ademais parte desse preconceito se deve a eles próprios que se auto-excluem de outros grupos sociais.”*

(A.R. Professora)

- *“Enxergo como desconfiança geral: foi cigano, já é considerado tudo igual! E ao longo dos anos esse processo marcou tanto esse grupo que já está incontido neles esses conceitos e essas fichas que lhes impuseram.”*

(S.M. Auxiliar de Enfermagem)

- *“Sem fundamento, preconceito que enfraquece o mercado de trabalho. Cultura diferente não significa que a capacidade física e mental também seja diferente”*

(V.P. Radialista)

- *“Acho que pela importância cultural e pela importância humana acima de tudo, deveriam ser mais respeitados. Muita coisa boa dá pra se aprender com o povo cigano. Preconceito e discriminação diminuem, quando se educa, se dá a oportunidade de ver realmente quem é o ser humano, independente de sua raça, origem, cor, religião, etc.”*

(D. Estudante)

- *“Antes eles eram considerados desonestos, ladrões e trambiqueiros. Hoje acho que o maior preconceito acontece pelo simples fato deles serem considerados da periferia.”*

(F. Bancário)

- *“Do ponto de vista moral e humano qualquer forma de preconceito é repreensível, porém na realidade social é algo bastante comum e inevitável. O elemento diferente e estranho é sempre mal visto e estigmatizado pelas sociedades.”*

(S. Técnico em Informática)

- *“Desinformação por parte da população. Falta de interesse da própria cidade em se desfazer desse preconceito. A Igreja Católica nunca foi lá nestes seis anos em que vivo entre os calon. Já os evangélicos estão lá sempre e daí um prejuízo: impor uma religião que condena a maioria das características da etnia cigana. Até onde isso é proveitoso? Até que ponto isto afetará o futuro e a identidade desse povo? Passados 32 anos os ranchos são uma grande favela, sem saneamento básico, sem calçamento, sem água e iluminação na maioria dos pontos. É pura falta de interesse do poder público. Mesmo sem expor, esse desleixo deixa evidente que a cidade e seus governantes se sentem incomodados com a presença dos ciganos. Algo como: “deixa ver até quando eles são capazes de aguentar. Um dia vão embora”. Já ouvi de inúmeras bocas respeitáveis de nossa cidade: “cigano é uma herança maldita deixada por Antônio Mariz”.*

(J.B. Professor)

g) Quando a pergunta foi se eles conheciam algum costume ou se tinham a curiosidade de conhecer mais acerca da cultura cigana, apenas cinco pessoas responderam que não conheciam e não tinham a mínima curiosidade de conhecer mais acerca da cultura deles; já o restante citou que conheciam alguns traços culturais como a dança, a música, a língua, a maneira de se vestir, o hábito de ler a mão das pessoas e a figura do chefe que é um líder entre os ciganos:

- “O pouco que conheço é apenas a dança, mas tenho curiosidade de conhecer um pouco da linguagem, da maneira que eles e comunicam entre si.

(G. Assistente Social)

- “Sim, valorização da família, vestes alegres, cores vivas, enfeites... Grande religiosidade, mas fora da instituição Igreja. Valorizam romarias, Pe. Cícero, Frei Damião, São Francisco, Santa Sara Calin (protetora dos ciganos), vida nômade, etc.

(S. Enfermeira)

- “Acho que um dos costumes mais conhecidos é ler a mão das pessoas e pedir algo em troca. Podemos citar também que vivem em grupos e que cada grupo tem seu líder denominado para eles de chefe. Eles fazem parte da nossa sociedade seria interessante conhecer mais sobre eles.”

(V.P. Radialista)

- “Todo visitante que chega na comunidade cigana tem que tomar um cafezinho que eles oferecem, se não pode ser considerado uma falta de respeito. Eu gostaria de saber se ciganos só se casam com outros ciganos, principalmente primos legítimos.”

(N. Funcionário Público)

- “Fui a trabalho para os ranchos, como chefe do cerimonial do município para inaugurar o Centro Calon. Já tinha uma paixão por música e dança cigana (fui professor de dança e coreógrafo por muitos anos. Acho que ainda sou, porque o trabalho que eu desenvolvo lá tem por base a dança). Muito místico, já conhecia o tarô, faltava entrar em contato com o

baralho cigano. Aprender a “buena dicha” (ler a sorte nas cartas ou na palma da mão – quiromancia). Levava comigo também todo o medo da violência e criminalidade cigana que aprendi com a população local e muita aversão a condição de “povo sujo”. Em miúdos eu, como a grande maioria dos sousenses, tinha uma concepção preconceituosa e arraigada a respeito dos Calon de Sousa. Cigano bacana e bonito são os da TV, da Internet, da novela “Explode Coração”. Na minha cabeça imperava a idéia dos Calon pobres e sujos e os Ron, Sinti, Manouche, como os bonitos, riquíssimos e refinados. Esperava encontrar magia cigana, encanto e beleza mesmo assim... Encontrei uma realidade social extremamente difícil e uma cultura cigana Calon, muito distante em certos pontos desse ideário folclórico e idílico e por vezes bem mais bonito do que a mídia costuma mostrar.

Leio sobre, pesquiso sobre, respiro cigano. Graças a Deus e Santa Sara esse povo que é de fato muito fechado, aos poucos foi se abrindo para mim. O que mais quero é continuar a aprender a “cortar linguagem”, ou seja, a falar o calé, ou caló (dialeto cigano dos Calon daqui). A importância de saber falar está ligada a idéia de que você é cigano ou é de muita confiança deles. Essa linguagem é um mecanismo de identificação, sobrevivência e defesa do povo cigano. E conhecer ciganos de todo o Brasil pessoalmente. Eu, por mais difícil que tenha sido, consegui me impor no meio cigano. Existe um mundo cigano dentro do Brasil. Eles são mais de um milhão, espalhado em todo território nacional, de vários subgrupos e depois que você entra para esse mundo paralelo, fica muito fácil achar ciganos. Tenho a sorte de conhecer os nomes mais importantes da causa no país e de ser respeitado como alguém que defende os interesses desse povo. Só para ilustrar: Juscelino Kubistchek, ex-presidente do Brasil era cigano. Cecília Meireles e Castro Alves também.

Existem muitos ciganos que escondem a sua própria origem pelo medo do preconceito. Muitos ciganos vivem fora do rancho aqui em Sousa e não se declaram ciganos. Muitos.

(J.B. Professor)

h) E por fim a última pergunta do questionário foi sobre como eles achavam que os ciganos estão contribuindo para o crescimento da cidade. As respostas ficaram divididas entre os que achavam que eles não contribuem em nada, pois não vêem os ciganos atuando na

sociedade sousense por estarem isolados e excluídos dela. Alguns descreveram que eles são pessoas comuns e que contribuem normalmente fazendo suas compras no comércio e pagando seus impostos. Por fim, outros destacaram que o poder público esqueceu-se daquele bairro e que a comunidade e a cultura cigana poderiam contribuir mais para o desenvolvimento da cidade:

- *“Eles fazem parte da cidade, possuem e vivem em um bairro próprio e sua fixação no território fez com que a cidade crescesse. Pois os ciganos possuem 3 tipos de comunidades diferentes presentes na cidade de Sousa, e só tem a crescer tanto popularmente como culturalmente e politicamente, basta um pouco mais de investimento e melhorias para estas comunidades.”*

(F. J. Assistente Social)

- *“Cigano é uma pessoa como outra qualquer, com direitos e deveres e contribuem prestando serviços e trabalhando, e assim pagam seus impostos e fazem suas compras no comércio da cidade.”*

(J.Trabalhador.Autônomo)

- *“Não contribuem por que são excluídos, mas tem uma cultura rica pra contribuir, principalmente na música e na dança.”*

(S.M. Auxiliar de Enfermagem)

- *“Acho que podem vir a contribuir muito, não só com o apoio de políticos e líderes locais, mas com o povo, que deve se despir de seus preconceitos e dar oportunidades para conhecer melhor esse povo sua cultura e ajudá-los para saírem da margem da sociedade e nessa mesma linha, engrandecer a história da cidade.”*

(D. Estudante)

- *“No meu ponto de vista os ciganos não contribuem em nada, eles estão atrasados e presos em seus costumes o que não ajuda a desenvolver a cidade.”*

(D.M. Técnico em Edificações)

- “Sousa tem a maior comunidade cigana sedentarizada do país. E os olhos do mundo muitas vezes se voltam para esses confins em busca desses ciganos. Se bem soubessem, os administradores locais fariam daquele buraco sujo, esquecido, uma atração turística de nossa cidade. São inúmeros os cantores, os músicos, os compositores, os poetas. A arte é parte dessa alma cigana que em palavras eu não consigo explicitar. Quando conseguem emprego, cigano mostra o quão trabalhador pode ser. São de uma fidelidade que emociona, guardam gratidão (na mesma intensidade que o ódio) por quem lhes estende a mão ou lhes nega atenção. Extremamente respeitosos. E se mais não contribuem é porque a cidade se mantém de portas fechadas.”

(J. B. Professor)

3.2 O olhar dos ciganos de Sousa sobre si e sobre os não-ciganos sousenses

Através de questionários também foram entrevistados ciganos da comunidade. Com o objetivo de compreender como os ciganos de Sousa se autodefinem e qual a opinião deles sobre o restante da população sousense, perguntei: como eles se definem e o que é ser cigano para eles; se eles achavam que, na comunidade, os costumes estão se perdendo ou se estão sendo mantidos pela nova geração; como a comunidade age para manter as tradições e preservar sua identidade, queria saber a opinião deles sobre o fato de pertencer a um povo que tem tradições milenares, mas que está inserido em uma sociedade com uma cultura e modos de vida totalmente diferentes. Também foram questionados sobre como enxergavam a população não cigana; se já tiveram alguma experiência positiva ou negativa com algum deles; se eles achavam que existe preconceito contra eles por parte da população não cigana; e como eles enxergavam essas questões sobre preconceito e discriminação.

Foram trinta questionários entregues, ou seja, a mesma quantidade de questionários que foram entregues aos não ciganos também foi entregue na comunidade cigana. Porém, apenas quinze ciganos do rancho de cima, em sua maioria jovens, se disponibilizaram a responder e participar da pesquisa, inclusive o chefe daquela comunidade o senhor Francisco Soares Figueiredo (Chefe Coronel). Muitos ciganos dos ranchos de baixo alegavam que não tinham tempo nem interesse em participar e desconfiavam da pesquisa

quando eu dizia que tinham que assinar o termo de consentimento, achando que aquilo não era apenas uma pesquisa que iria fazer parte de um trabalho acadêmico, mas sim algo que de alguma forma iria prejudicá-los. As respostas dos ciganos relatadas nos questionários foram amplamente transcritas a seguir:

a) Na questão como eles se definem, muitos ciganos exaltaram pontos de sua cultura mostrando que se orgulhavam de ser ciganos e de pertencerem a uma cultura rica e singular, destacaram ainda que ser cigano é ter o espírito livre e humilde. Interessante que, apesar da sedentarização, a idéia de movimento e de liberdade é uma das claves identitárias da comunidade e do “ser cigano”:

- *“Ser cigano é fazer parte de um mundo livre e de um mundo feliz. Tenho orgulho do que sou.”*

(M.B. Estudante)

- *“Ser cigano é fazer parte de uma etnia abençoada com uma belíssima cultura. É ser parte de um povo em sua maioria humilde, mas dotada de dons e qualidades. Ser cigano é ter o espírito livre.”*

(M.G. Diretora Escolar)

- *“Ser cigano pra mim é ser livre como o vento e ser forte como o mar. É saber respeitar o próximo e amá-lo, é amar as cores e a natureza.”*

(C.S. Técnica em Enfermagem)

- *“Ser cigano é ser alegre, inteligente, humilde, acolhedor, amoroso, respeitador e que busca sempre seus objetivos. Povo de uma qualidade muito rica em cultura, em fazer sempre o que gosta e sempre passando por cima de muitos obstáculos para ser feliz.”*

(A.M. Dona de Casa)

- *“Ser cigano é amar a vida, como ela é, é ter segredos e costumes preservados e guardados dentro de cada Calon pra vida toda.”*

(M.M. Auxiliar Comercial)

- *“Ser cigano, é um povo que faz parte de uma etnia totalmente diferente, que geralmente são povos que se definem com muitas qualidades, com costumes, crenças e cultura que realmente são cultivados desde seu nascimento, ou seja, já são abençoados. Um povo que é filho de Deus. Povo que tem opinião própria e segue sempre com humildade.”*

(P.B. Consultor de Vendas)

- *“O cigano é um ser humano como qualquer outra pessoa.”*

(C.R. Autônomo)

- *“Ser cigano é ter uma cultura rica em danças, costumes diferentes do povo não cigano. Não que sejamos diferentes fisicamente dos outros, somos um povo que tem dom para as coisas, cigano povo acolhedor, que respeita e agrada aos outros que os ajudam.”*

(D.B. Professora)

- *“Ser cigano é ser filho de ciganos legítimos, sem mistura com outra raça, não se envolve com nada que lhe deixe triste, é sempre alegre e bem humorado, trata bem todo mundo com respeito e sua pátria é o mundo.”*

(G.A. Maquinista RFFSA)

- *“Ser cigano é viver a vida intensamente, sem se preocupar com o amanhã, é estar em contato com Deus durante todo o dia. É amar a natureza, ser cigano é uma dádiva divina.”*

(M.P. Músico)

- *“Cigano é ser livre como os pássaros e saber entender o que as cachoeiras cantam e conversar com as árvores. É ser fiel e amigo e ter temor e respeito com todas as obras divinas.”*

(Francisco Soares Figueiredo. (Chefe Coronel) - Autônomo)

b) Quanto à pergunta se eles achavam que os costumes ciganos estão se perdendo ou se estão sendo preservados pela nova geração, todos responderam que muitas coisas vêm se extinguindo e muitos jovens ciganos já não guardam os costumes. Hoje, seus costumes só

poderiam ser observados entre os ciganos mais velhos da comunidade (embora ainda exista um esforço para poder manter traços culturais fortes como o dialeto e as danças):

- *“Há um desgaste desses costumes. Com a ida dos jovens para escolas acabou fazendo com que os mesmos adquirissem da sociedade traços se sua cultura fazendo-os esquecer um pouco de sua essência.”*

(M.G. Diretora Escolar)

- *“Geralmente pelos ciganos mais velhos, existem ainda os costumes, mas depois que chegaram em outros ares, ou seja, começaram a morar em casas tudo mudou, pois os jovens como eu, estudaram e conheceram outros costumes e os nossos já estão se perdendo mais.”*

(P.B. Consultor de Vendas)

- *“Acho que por parte da nova geração sim, não estão preservando os costumes e danças. Mas por algumas pessoas não, exemplo do nosso grupo cigano, pois não deixamos a dança cigana de lado, amamos dançar e preservar nossa cultura.”*

(D.B. Professora)

- *“Muito vem se perdendo com o passar do tempo, mas alguns costumes ainda estão sendo preservados sim, por exemplo, a língua e as danças.”*

(M.B. Estudante)

- *“Sim, entre os mais jovens a vestimenta, a linguagem, a cultura de ler mãos está pouco a pouco se excluindo.”*

(C.S. Técnica em Enfermagem)

- *“Atualmente esses costumes estão cada vez mais apagados de nossas vidas, pois só se podem ver essas práticas nos mais velhos da comunidade, ninguém tem interesse em andar mais pelo mundo como antes, apenas a nossa língua ainda é algo que não deixamos, mas o resto aos poucos não se vê mais.”*

(M.M. Auxiliar Comercial)

- *“Na minha opinião eu acho que se perdeu muito, mais algumas coisas sempre vamos preservar, como a nossa fala e o respeito ao próximo.”*

(A.M. Dona de Casa)

- *“Os nossos costumes continuam de geração pra geração. Muito vem se acabando, mas existem coisas que ainda guardamos, pois é a nossa identidade.”*

(C.R. Autônomo)

- *“Estão se perdendo alguns costumes, por causa do contato com não ciganos, na escola principalmente, onde os ciganos desde criança observam a maneira de agir dos não ciganos e copiam para poder se “enturmar” com eles.”*

(M.P. Músico)

- *“A cada dia que se passa vai se extinguindo a nossa cultura e nossos costumes. Atualmente estamos dando um curso de língua Calon buscando resgatar as nossas tradições.”*

(Francisco Soares Figueiredo. (Chefe Coronel) - Autônomo)

c) Na pergunta sobre como a comunidade age para manter suas tradições e os seus costumes e, assim, conseguirem atualizar sua identidade, a maioria respondeu que esses costumes são transmitidos de uma maneira patriarcal, ou seja, o pai transmite a seus filhos essas tradições. Segundo eles, ainda hoje, alguns tentam conservar práticas que sempre fizeram parte da cultura cigana, como a música, a dança, a poesia e, principalmente, o dialeto:

- *“Usando sempre roupas longas, dançando e tocando, e se reunindo em grupos de idosos para recitar poesias e também cozinhado ao ar livre usando fogão a lenha.”*

(D.B. Professora)

- *“Os costumes são transmitidos de pai pra filho e em nossa comunidade existem alguns projetos para preservação de nossa cultura e identidade.”*

(M.G. Diretora Escolar)

- *“De pai pra filho, pois os pais preservam, depois faz com que seus filhos guardem para sempre.”*

(P.B. Consultor de Vendas)

- *“Os mais velhos ensinam a linguagem e a dança aos mais novos ciganos.”*

(M. B. Estudante)

- *“Fazendo sempre o que gostamos de fazer como dançar, cantar, mais sempre na maioria das vezes na própria comunidade. Sendo discreto, não ser expondo tanto.”*

(A.M. Dona de Casa)

- *“Repassando os costumes e as tradições para os mais novos.”*

(C.R. Autônomo)

- *“A gente está tentando resgatar, temos um centro de tradições ciganas (que pouco se usa), temos um curso de língua Calon (cigano), e um grupo de dança.”*

(C.S. Técnica em Enfermagem)

- *“Através dos ciganos mais velhos que sempre estão dando conselhos aos jovens ciganos para manter as tradições sempre unidas. Um por todos, todos por um em qualquer adversidade, preservando o idioma a dança e o respeito.”*

(G.A. Maquinista RFFSA)

- *“Os costumes sempre foram passados de pai para filho por meio da conversa, além de ter sido criado um curso de língua e costumes em ambos os ranchos.”*

(M.P. Músico)

- *“Nós, eu particularmente busco sempre conversar com o povo através de reuniões por que o melhor meio é o dialogo.”*

(Francisco Soares Figueiredo. (Chefe Coronel) - Autônomo)

d) As respostas dos ciganos sobre como definiam os não ciganos foram bem semelhantes. Praticamente todos responderam que tinham boas relações com não ciganos, que seriam estas pessoas normais merecedoras de respeito, assim como eles próprios também merecem, e destacaram que a cultura é o principal elemento que os difere dos não ciganos. Nesse caso, a relação identidade e alteridade não é marcada apenas pelo diferente, mas também por aquilo que aproxima os grupos: a percepção do ser normal. Apenas a resposta do *Chefe Coronel* teve um conteúdo diferente dos demais, com um teor de revolta contra a população não cigana. Talvez, como liderança do grupo e principal elo com o mundo não cigano, o chefe da comunidade expresse ressentimentos de experiências relacionadas ao preconceito. Leiamos:

- “É uma população que chamamos de Juréns, é uma palavra para definir o povo não cigano. Acho as danças e a cultura dos Juréns diferentes da nossa, pois a eles abrange coisas da cidade e a nossa, por exemplo, a dança é tocada pelo próprio cigano e também coreografada.”

(D.B. Professora)

- “Pessoas normais como nós, só que cada possuem algumas coisas que interfere em nossa comunidade pois todos tem seus defeitos, nós os define acho que é a tradição e os costumes diferentes da nossa cultura.”

(P.B. Consultor de Vendas)

- “São humanos como nós, possuem defeitos e qualidades. O que nos difere são apenas nossos usos e costumes.”

(M.G. Diretora Escolar)

- “Não tenho nada contra, porque também a maioria de meus amigos são pessoas não ciganas. Pessoas como qualquer outra.”

(M.B. Estudante)

- *“Para mim pessoas boas de bom caráter e que aprenderam a viver e nos respeitar como somos. Apesar de uma pequena minoria ter discriminação com nós ciganos, graças a Deus a maioria abriram os braços para nós e hoje podemos conviver na sociedade.”*

(A.M. Dona de Casa)

- *“Existe gente boa e ruim como em toda nação.”*

(C.R. Autônomo)

- *“Respeito essas pessoas, tenho muitos amigos não ciganos. Eu os defino como pessoas de culturas diferentes.”*

(C.S. Técnica em Enfermagem)

- *“Respeito essas pessoas, pois conheço e me relaciono profissionalmente com elas e acho que são pessoas de crenças bem distintas das nossas.”*

(M.M. Auxiliar Comercial)

- *“A população não cigana discrimina os ciganos e não lhes dão oportunidade para que o cigano mostre que é o contrário do que os não ciganos pensam. Apesar de não termos contato com a sociedade nós ciganos não temos ódio nem rancor e sabemos que todos são humanos e iguais.”*

(G.A. Maquinista RFFSA)

- *“Ambiciosos. A maioria é prepotente e arrogante. Com muita cegueira fazem tudo para obter o poder chegando ao ponto de assaltar e matar pelo poder.”*

(Francisco Soares Figueiredo. (Chefe Coronel) - Autônomo)

e) Quando questionados se alguma vez já tiveram alguma experiência negativa com algum não cigano, apenas um dos quinze ciganos respondeu nunca ter acontecido com ele qualquer experiência ruim; mas o restante confirmou já ter sido alvo de preconceito e descreveram que chegaram até mesmo a perder oportunidades de emprego por serem ciganos:

- “Em uma entrevista de emprego, em uma loja de roupas começaram a fazer perguntas, estava me encaixando em tudo, dentro do padrão de experiência da loja, mas no fim quando perguntaram meu endereço eu falei, aí descobriram que eu era cigana, senti uma risada no rosto da pessoa que estava me entrevistando, resultado não fui chamada por ser cigana.”

(D.B. Professora)

- “Sim no trabalho anterior, pois o próprio dono e seus familiares me prometeram que se o melhor vendedor, que fizer o maior número de vendas, seria promovido a ficar trabalhando com carteira assinada... O mesmo quando descobriu que eu era cigano, não me deu oportunidade de ficar interno em sua loja. Sendo eu o melhor vendedor, ou seja, bati o recorde.”

(P.B. Consultor de Vendas)

- “Sim, já fui discriminada por um colega de classe quando estudava no ensino médio, no entanto, não fiquei calada, fiz ele ver que o fato de ser cigana não me faz menos digna, respondi com educação mesmo tendo sido depreciada.”

(M.G. Diretora Escolar)

- “Já tive sim! Pessoas preconceituosas me discriminaram por ser cigano.”

(M.B. Estudante)

- “Quando fiz o concurso da RFFSA no ano de 1984 fui discriminado por a chefia da empresa em Sousa que falou que cigano não trabalhava só gostava de vagabundagem. Mais foi ao contrário, pois trabalhei até me aposentar com 28 anos trabalhados sem nunca receber uma punição por parte da empresa.”

(G.A. Maquinista RFFSA)

- “Sim, já tive por que ainda uns meses atrás fui me consultar, mesmo a receita sendo paga eu cheguei primeiro e sempre a secretária colocava as outras que não era cigana na minha frente.”

(A.M. Dona de Casa)

- *“Sim, muitas vezes, o preconceito é uma dessas experiências.”*

(C.S. Técnica em Enfermagem)

- *“Sim, várias vezes, tanto no ambiente profissional como no dia-dia. Muitos não ciganos não querem ter contato com os ciganos. Pensam que a gente é trapaceiro e ladrão.”*

(M.P. Músico)

- *“Nas nossas andadas nós sofremos muito com desprezo por parte dos fazendeiros, na parte de rancho, pois eles não deixavam nós arrancar.”*

(C.R. Autônomo)

- *“Já sim, quando andávamos pelo mundo chegamos muitas vezes à noite depois de passar o dia inteiro com fome e éramos expulsos pelos donos das terras.”*

(Francisco Soares Figueiredo. (Chefe Coronel) - Autônomo)

f) Sobre a pergunta se algum deles já tiveram alguma experiência positiva, absolutamente todos responderam que sim. Muitos mantêm boas relações de amizade e demonstraram uma espécie de gratidão, pois hoje eles trabalhariam graças a não ciganos que teriam aberto suas portas e dado uma oportunidade de emprego. Simbolicamente, apenas o *Chefe Coronel* optou por não responder essa questão:

- *“Com certeza, pois uma vez encontrei uma colega de classe que trabalhava em uma empresa, aí ela me perguntou como eu estava no trabalho, daí eu falei pra ela que tinha saído de lá, ela me perguntou por quê? E respondi: pelo simples fato de ser cigano. Ela disse: nada haver, você é gente como nós. Fiquei muito agradecido a minha colega que me ajudou me indicando a outra empresa que foi a primeira que me deu oportunidade e graças a Deus estou bem no trabalho, e minha pessoa se dá muito bem com os não ciganos da cidade.”*

(P.B. Consultor de Vendas)

- *“Coloquei meu currículo para ensinar no programa Brasil alfabetizado, pensei dessa vez não seria aprovada, porém no dia da seleção estava o meu nome na lista como*

alfabetizadora, até hoje estou ensinando e graças a Deus eu adoro poder contribuir para alfabetizar jovens e adultos.”

(D.B. Professora)

- “Sim várias vezes, pois possuo vários amigos não ciganos, alguns deles tenho como irmãos, é o caso do meu querido amigo João Bosco Araujo, o qual tenho muito carinho e respeito, são tantas experiências que não tenho como contar.”

(M.G. Diretora Escolar)

- “Sim tive boas experiências, a melhor delas foi a do prefeito nos acolher e aceitar trabalhar ao seu lado é muito orgulho para nós. E também as minhas professoras e amigas que não são ciganas, mas me respeitam e tenho boa amizade com elas.”

(A.M. Dona de Casa)

- “Sim, as vezes muitas pessoas nos favoreciam com alimento e acolhida.”

(C.R. Autônomo)

- “Tenho bons amigos não ciganos, que me consideram e me respeitam, e me convidam para seus lares para cantar, tocar violão, e me sinto bem quando estou entre eles.”

(G.A. Maquinista RFFSA)

- “Tenho vários amigos não ciganos, os quais me convidam para ir as suas casas, tive relacionamento com Jurins (não-ciganas) e todas até hoje freqüentam o rancho.”

(M.P. Músico)

g) Acerca da pergunta se eles achavam que existe preconceito contra os ciganos de Sousa, todos os ciganos responderam que a população sousense é preconceituosa em relação a eles. Afirmam que isso se dá por que já existem estereótipos que (in)formam a imagem dos ciganos na cidade: muitos nunca teriam ido à comunidade, nem sequer saberiam onde fica localizada, diriam apenas que fica lá pro lado da BR, perto do presídio e da escola estadual conhecida popularmente como Poli I. Segundo eles, na hora de falar sobre os ciganos, os não ciganos acabariam generalizando e declarando que aquilo é uma tribo de vagabundos e

desocupados, que não querem contato com esse povo, pois são perigosos e muitas outras imagens carregada de atributos depreciativos:

- *“Vários não ciganos de Sousa, tem preconceito com ciganos por falta de contato com os ciganos e a má fama que os ciganos têm de ser ladrão, trapaceiro e perigoso. Não digo que os ciganos são todos bons, mas a maioria dos ciganos não são nada disso que uma parte de 80% da sociedade pensa.”*

(G.A. Maquinista RFFSA)

- *“Sim, basta observar quantos ciganos trabalham na rede privada. As oportunidades são mínimas, não temos espaço para mostrar nossos potenciais.”*

(M.P. Músico)

- *“Infelizmente ainda existe muito preconceito para com o meu povo, muitos ainda nos estereotipa, nos julgam sem conhecer nossa realidade. A grande verdade é que assim como os não ciganos possuímos direitos e deveres e somos dignos, possuímos defeitos e qualidades.”*

(M.G. Diretora Escolar)

- *“Sim, pois não são todos os sousenses, pois acho que existem alguns que como ser humano, sabe descrever que cigano também é filho de Deus. Apesar de que cigano em geral possui defeitos normais, assim como na população de Sousa existe também. Pois julgam sem antes conhecer, isso faz o fato que geralmente alguns são prejudicados, como minha pessoa já foi.”*

(P.B. Consultor de Vendas)

- *“Sim, pois eu mesma fui vítima, sou acadêmica de enfermagem e uma colega de psicologia não sabia que eu era cigana, a minha amiga a chamou para pesquisar os ciganos e ela nos chamou de nojentos e burros.”*

(C.S. Técnica em Enfermagem)

- *“Sim. Até em hospital nós já tivemos cigano que fez curso de enfermagem e o dono do hospital vetou o currículo dele. Aqui em Sousa.”*

(C.R. Autônomo)

- *“Sim, como em todas as outras partes do mundo onde existem ciganos que sofrem preconceitos, aqui em Sousa não é diferente.”*

(M.M. Auxiliar Comercial)

- *“Sim. Por que uns faz e os outros pagam.”*

(M.B. Estudante)

- *“Uma grande parte da população de Sousa tem o cigano como irmão e como amigo. Mas tem outra parte que são maioria, que os discrimina e os odeiam. Somente porque o cigano é pobre e direito.”*

(Francisco Soares Figueiredo. (Chefe Coronel) - Autônomo)

h) E quanto à pergunta feita sobre como enxergavam o preconceito e a discriminação contra eles, todos disseram ser um absurdo e um desrespeito essas coisas acontecerem nos dias atuais. Apontaram que a causa dessa imagem negativa se deve pela desinformação e pelos ciganos terem uma cultura diferente. Afirmaram que são filhos de Deus, que esperam que essa realidade um dia seja transformada para melhor e que não se abalam mesmo vivendo numa sociedade onde a maioria da população os exclui e os vê de uma maneira preconceituosa:

- *“Eu realmente fico triste de saber que ainda existem pessoas dessa natureza, mas sei que é a realidade, espero que um dia isso venha a acabar. Mas a discriminação que ainda existe hoje não me abala mais, pois todos os meus objetivos são guiados pelo meu Deus, pois com a ajuda dele, hoje posso dizer que isso não me abala mais. Sou ser humano e preciso sonhar para que essa visão que existe possa passar bem longe de mim. Isso não quer dizer que por que existe preconceito vou deixar de viver, mas sim vou mostrar a população que cigano é capaz e faz parte do mesmo mundo.”*

(P.B. Consultor de Vendas)

- *“Eu vejo que o preconceito e a discriminação com os ciganos se devem pela falta de contato e informação. Cigano tem que ter a oportunidade de mostrar que não existe nenhuma diferença entre humanos, nem cor, nem raça, nem posição social.”*

(G.A. Maquinista RFFSA)

- *“Muitos não conhecem os ciganos e só escutam a respeito, e como as principais histórias que inventam é que somos ladrões, acabam por não querer conhecer, eles transmitem as histórias de geração para geração.”*

(M.P. Músico)

- *“Eu fico muito triste, por que sou brasileiro e souse de nascimento, e sou também filho de Deus, e Deus deixou o mundo para todos e todos somos irmãos em Deus.”*

(C.R. Autônomo)

- *“Falta de conhecimento sobre nós, o que leva aos estereótipos, as falsas histórias. Somos discriminados por termos uma cultura diferente.”*

(M.G. Diretora Escolar)

- *“Eu acho um absurdo, pois cigano é ser humano igual a todos, só temos cultura e costumes diferentes, mas somos pessoas civilizadas e existem vários ciganos que tem grau de estudo, formação e só não exerce a profissão por falta de oportunidade, ou seja, preconceito e discriminação.”*

(D.B. Professora)

- *“É uma experiência que não gostaria que nenhum ser humano passasse, por que é muito triste você saber que está sendo apontado sem dever nada.”*

(A.M. Dona de Casa)

- *“Um erro gravíssimo de pessoas que não sabem como é viver excluído por parte da população.”*

(M.M. Auxiliar Comercial)

- *“Uma idiotice, é uma infelicidade ainda existir pessoas tão ignorantes ainda nos tempos de hoje, todos nós somos todos filhos de Deus.”*

(C.S. Técnica em Enfermagem)

- *“Eu acho um absurdo você ter preconceito com seu irmão somente pelo fato de ser um povo pobre e humilde.”*

(Francisco Soares Figueiredo. (Chefe Coronel) - Autônomo)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A Terra é a minha pátria;
o céu, o meu teto;
e a Liberdade é a minha religião.
(Provérbio Cigano)*

Passados mais de trinta anos de sua sedentarização na cidade de Sousa, o preconceito em relação à comunidade cigana não cedeu. A desconfiança e o preconceito contra os ciganos fazem parte da cultura local. Os ciganos, por serem vítimas de toda sorte de injúrias, educam seus filhos e eles próprios se comportam de maneira a evitar preconceitos. São desconfiados por já terem sofrido várias perseguições por todos os lugares onde passaram, por isso, evitam a companhia de pessoas que possam vir a prejudicá-los.

Infelizmente, algumas antigas imagens errôneas se perpetuaram sobre pessoas simplesmente humildes que tentam sobreviver numa sociedade onde a maioria das pessoas já tem uma opinião formada e se recusam a conhecer o novo, o diferente, o minoritário. Qualquer pequena experiência passa a ser motivo para generalizações em torno da comunidade cigana, conseqüentemente servem como justificativa para os excluírem e para os definirem de uma maneira preconceituosa.

A principal consequência dessa atitude, e o que mais entristece e incomoda a população cigana de Sousa, é a falta de emprego e oportunidades de trabalho. Jovens e adultos reclamam que não conseguem emprego pelo fato de serem ciganos. Suas fontes de renda giram em torno dos programas de transferência de renda. Os idosos e os portadores de doenças graves, quando possuem documentos, conseguem um benefício de prestação continuada. Outros não sabem que têm direito a esse benefício ou não conseguem os documentos necessários e mendigam pelas ruas. Isso agrava a situação e amplia o nível de exclusão social dos ciganos, obrigados a viverem às margens da cidade e da sociedade sousense.

O analfabetismo e a falta de qualificação profissional dificultam ainda mais o acesso a qualquer forma de emprego. Alguns ciganos deixam o rancho com suas famílias e seguem para as favelas próximas, com o objetivo de tentar esconder a própria origem e assim conseguir emprego. Os ciganos não são bem vindos na iniciativa privada e os poucos que conseguem emprego na máquina estatal trabalham em regime de contrato temporário, como garis, guardas noturnos ou limpadores de fossas e esgotos junto ao DAESA (Departamento de Água, Esgoto e Saneamento Ambiental de Sousa).

Os jovens que frequentam a escola ou conseguem acesso a cursos profissionalizantes anseiam por um emprego e aceitação social para superar as desventuras de sua condição na sociedade. Ao disputar uma vaga de emprego com um candidato não cigano, todavia, o jovem Calon sai em desvantagem pela sua origem étnica. Ser cigano, neste caso, significa uma desvantagem na disputa por “espaço ao sol”.

Em meio a essa situação, é importante ressaltar o conseqüente processo de desconstrução e descaracterização cultural através da perda do patrimônio e das tradições ciganas. É cada vez mais raro encontrar um jovem que domine o dialeto dos Calon, que é o principal traço de identidade desse grupo social. Não se tem mais a preocupação nos adolescentes ou mesmo nas mulheres adultas em dominarem a quiromancia (prática de ler as linhas das mãos). Até mesmo as festas tradicionais, animadas pelo som dos violões e pelo canto das modas e lamentos à beira da fogueira – tão presentes na memória dos idosos – já não acontecem. Vivencia-se a extinção gradativa de uma cultura transmitida no curso de gerações e a absorção cada vez maior dos costumes e valores do “povo da rua” (como eles se referem aos não-ciganos que vivem na cidade).

O fim do nomadismo trouxe consigo a necessidade de uma integração maior com a cidade, mas esta cidade não parece estar interessada em absorver este povo milenarmente perseguido e acostumado a adaptar-se às piores condições para sobreviver. Segundo Frans Moonen, os ciganos atuais não são iguais aos de antigamente, nem os do futuro serão iguais aos de hoje.

Por outro lado, diante desse constante e dinâmico processo identitário, só o conhecimento acerca do outro pode fazer o preconceito deixar de existir e dar lugar ao respeito. Nesse sentido, um dos nossos entrevistados não ciganos – que conhece a

comunidade – pode personificar os objetivos que este trabalho buscou cumprir e as expectativas que ele procura lançar: a relação saudável e cordial entre identidade e alteridade, isto é, a relação harmônica entre diferença e respeito. Dessa forma, a guisa de conclusão, reproduzo mais uma vez a fala do professor J.B., que nos mostra como o conhecimento é um mecanismo de combate ao preconceito e como a descoberta do outro pode ser bom para nós mesmos:

- “Fui a trabalho para os ranchos, como chefe do cerimonial do município para inaugurar o Centro Calon. (...). Levava comigo também todo o medo da violência e criminalidade cigana que aprendi com a população local e muita aversão a condição de “povo sujo”. Em miúdos eu, como a grande maioria dos sousenses, tinha uma concepção preconceituosa e arraigada a respeito dos Calon de Sousa. Cigano bacana e bonito são os da TV, da Internet, da novela “Explode Coração”. Na minha cabeça imperava a idéia dos Calon pobres e sujos e os Ron, Sinti, Manouche, como os bonitos, riquíssimos e refinados. Esperava encontrar magia cigana, encanto e beleza mesmo assim... Encontrei uma realidade social extremamente difícil e uma cultura cigana Calon, muito distante em certos pontos desse ideário folclórico e idílico e por vezes bem mais bonito do que a mídia costuma mostrar.

REFERÊNCIAS

AUZIAS, Claire. **Os Ciganos ou o Destino Selvagem dos Roms do Leste**. Lisboa: Antígona, 2001.

BAÇAN, Lourivaldo Perez. **Ciganos, os filhos do vento**. [s. l.]: Casa do Mago das Letras: LPB Edições, 1999.

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernidade reflexiva: Trabalho e Estética na Ordem Social Moderna**. São Paulo: Unesp, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CÓDIGO Criminal Do Imperio do Brazil de 1830, Parte Primeira. Dos Crimes e das Penas. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm>.

FIGUEIREDO, Francisco Soares (Coronel). **Calon: História e Cultura Cigana**. João Pessoa: Sal da Terra, 2010.

FRASER, Angus. **História do Povo Cigano**. Lisboa: Teorema, 1997

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **“O tempo de atrás”**: Um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB. Tese de doutorado em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, 2004.

GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWN, Eric. **A Invenção das Tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LOCATELLI, Moacir Antonio. **O ocaso de uma cultura:** Uma análise antropológica dos ciganos. Santa Rosa: Barcellos Livreiro e Editor, 1981.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo:** Os Ciganos na Europa e no Brasil. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, 2008.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os Ciganos ainda estão na estrada.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PIRES FILHO, Nelson. **Ciganos - Rom** – Um povo sem fronteiras. São Paulo: Madras, 2005.

SAN ROMAN, T. **Culture traditionnelle et transformation de l'identité ethnique chez les gitans espagnols en voie d'intégration.** In: WILLIAMS, P. **Tsiganes: identité et évolution.** Paris: Études Tsiganes: Syros Alternatives, 1989.

SECRETARIA de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2009/08/ccdi_inauguraçãosousa/>.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil.** Recife: Núcleos de Estudos Ciganos, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América:** A questão do Outro. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

QUESTIONÁRIO

O presente questionário objetiva coletar dados para a uma pesquisa sobre a Comunidade Cigana na cidade de Sousa, com o objetivo de compreender a visão que os Ciganos têm acerca da maioria da população não cigana. As informações coletadas farão parte de um trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado: *A “parada para morar” dos Filhos do Vento: identidade e alteridade dos ciganos Calon na cidade de Sousa.*

Garantimos o sigilo total dos entrevistados

Sexo : () Masculino () Feminino

Estado Civil : () Solteiro(a) () Casado(a) () Viúvo(a) () Outro

Atuação Profissional : _____

1. Para você o que é ser cigano? Como se define?

2. O que você pensa sobre a população não cigana? Como os define?

3. Descreva se alguma vez você já teve alguma experiência negativa com algum não cigano?

4. Descreva se alguma vez você já teve alguma experiência positiva com algum não cigano?

5. No geral, você acha que por parte da população não cigana existe preconceito contra os ciganos de Sousa? Responda sim ou não, justificando os motivos da sua resposta.

6. Como você enxerga esse preconceito e a discriminação contra os ciganos?

7. Você acha que atualmente na comunidade os costumes ciganos estão se perdendo ou em sua opinião estão sendo preservados pela nova geração?

8. Como a comunidade age para manter as tradições, os costumes e preservar sua identidade?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

QUESTIONÁRIO

O presente questionário objetiva coletar dados para a uma pesquisa sobre a Comunidade Cigana na cidade de Sousa com o objetivo de compreender a visão da população Souseense acerca da imagem dos Ciganos na Cidade. As informações coletadas farão parte de um trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado: *A “parada para morar” dos Filhos do Vento: identidade e alteridade dos ciganos Calon na cidade de Sousa.*

Garantimos o sigilo total dos entrevistados

Sexo : () Masculino () Feminino

Estado Civil : () Solteiro(a) () Casado(a) () Viúvo(a) () Outro

Atuação Profissional : _____

1. Os ciganos de etnia Calon habitam o território souseense a mais de 30 anos, você sabe como ocorreu esse processo de sedentarização?

2. O que você individualmente pensa sobre os ciganos de Sousa? Como os define?

3. Descreva se alguma vez você já teve alguma experiência negativa com algum cigano?

4. Descreva se alguma vez você já teve alguma experiência positiva com algum cigano?

5. No geral, você acha que por parte da população não cigana existe preconceito contra os ciganos de Sousa? Responda sim ou não, justificando os motivos da sua resposta.

6. Como você enxerga esse preconceito e a discriminação contra os ciganos?

7. Você conhece algo sobre os costumes ciganos? Existe algum ponto da cultura cigana que você tenha curiosidade de conhecer mais?

8. Como você acha que os ciganos estão contribuindo para o crescimento da cidade?

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____,
concordo em participar do estudo sobre: *A “Parada para Morar” dos Filhos do Vento: Identidade e Alteridade dos Ciganos Calon na Cidade de Sousa-PB.* Autorizo a utilização dos dados da entrevista por mim concedida para a realização do estudo. Tenho conhecimento do seu caráter científico, sendo minha participação estritamente voluntária. Estou ciente de que as informações serão tratadas de forma anônima e sigilosa, caso assim o deseje; e de que não sofrerei nenhum tipo de sanção ou prejuízo, caso me recuse a participar, ou me decida, a qualquer momento, a desistir da minha participação.